

# Por que voltar a Lênin?

Imperialismo, barbárie e revolução<sup>1</sup>

ESTUDO INTRODUTÓRIO

Plínio de Arruda Sampaio Júnior



---

<sup>1</sup> Plínio de Arruda Sampaio Júnior, professor do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas – IE/UNICAMP. Agradeço o generoso apoio de Marlene Petros Angelides na revisão da redação.

## 1. Introdução

Não poderia ser mais oportuna a reedição do estudo seminal de Vladimir Ilich Lênin, *O Imperialismo: Etapa Superior do Capitalismo*. Sua publicação atende a uma dupla necessidade: resgatar a reflexão sobre o imperialismo como modo de funcionamento do sistema capitalista mundial e recuperar o pensamento de Lênin como rico manancial de conhecimento sobre a ciência da luta de classes e a arte da revolução na era do imperialismo - dois assuntos tabus, banidos do debate público após o longo ciclo de ditaduras militares, a derrocada do “socialismo real” e a avassaladora ofensiva neoliberal.

A oportunidade de retomar o estudo sobre o imperialismo decorre do fato de que, ao contrário do propalado pelas visões apologéticas, que comemoraram o colapso da União Soviética, o fim da guerra fria e a crise do movimento socialista, a supremacia ilimitada do capitalismo não inaugurou um período de prosperidade, democracia e paz, mas uma época marcada pela instabilidade econômica, pela intensificação das tendências autocráticas do regime burguês, pela ausência de qualquer limite à guerra econômica entre as megaempresas multinacionais que disputam o controle do mercado mundial e pela revitalização de formas explícitas de colonialismo e neocolonialismo que acompanham a terceira divisão do mundo pelas grandes potências imperialistas. O acirramento dos antagonismos do modo de produção capitalista prenuncia um futuro de grandes turbulências sociais, dramáticas comoções políticas e catastróficos desastres ecológicos. Em seu livro *Socialismo o Barbarie*, o filósofo István Mészáros alertou para a gravidade do momento histórico gerado pelo capitalismo sem travas: “[...] no es exagerado decir – [...] – que hemos entrado en *la fase más peligrosa del imperialismo en la historia*. Porque lo que está en juego ahora no es el control de una parte del planeta, no importa cuán grande, o poner en desventaja a algunos rivales, aunque permitiéndoles acciones independientes, sino el control de su *totalidad* por una superpotencia hegemónica, económica y militar, con todos los medios – aún los más autoritarios y, de ser necesario, los militares más violentos – a su disposición. Esto es lo que requiere la racionalidad esencial del capital desarrollado globalmente, en su vano intento de poner bajo control sus irreconciliables antagonismos. El problema es que, sin embargo, esta racionalidad – [...] – es al mismo tiempo la forma más extrema de irracionalidad de la historia, incluida la concepción nazi de dominación mundial, en lo que atañe a las condiciones necesarias para la supervivencia de la humanidad”.<sup>2</sup>

Para os povos que fazem parte da periferia do sistema capitalista mundial, os novos tempos tornaram-se particularmente sombrios. As janelas de oportunidades que seriam abertas pela participação na ordem global revelaram-se verdadeiras armadilhas. As políticas de liberalização da economia desarticularam os centros internos de decisões, deixando a região à mercê dos capitais internacionais. As promessas de que as ondas de inovação tecnológica e os movimentos de internacionalização de capital permitiriam uma aceleração do crescimento e uma socialização dos novos métodos de produção e dos novos bens de consumo não foram cumpridas. A difusão desigual do progresso técnico acentuou as assimetrias na divisão internacional do trabalho e exacerbou as características predatórias do capital, revitalizando formas de superexploração do trabalho e de depredação do meio ambiente que se imaginavam

---

<sup>2</sup> Mészáros, I. *El Siglo XXI ¿Socialismo o Barbarie?*. Buenos Aires, Ediciones Herramienta, 2003, p. 45.

superadas. Submetidas à ferocidade da concorrência global e ao despotismo das potências imperialistas, as sociedades que fazem parte da periferia do sistema capitalista tornaram-se presas de um processo de reversão neocolonial que coloca em questão a sua própria sobrevivência como Estado nacional capaz de controlar minimamente as taras do capital. Não é que o Estado tenha se enfraquecido. Quando é para defender e impulsionar os interesses do grande capital, o poder estatal se revela mais forte do que nunca. O que ficou definitivamente comprometido é o caráter público do Estado, sua atuação em função de interesses que, de alguma forma, contemplem as necessidades do conjunto da população. Por essa razão, na periferia da economia mundial o descontrole da sociedade nacional sobre o desenvolvimento capitalista foi levado ao paroxismo.

Campo de operação de conglomerados internacionais e zona exclusiva de influência dos Estados Unidos – a potência plenipotenciária da era global –, o novo contexto histórico afetou a América Latina em todas as dimensões de sua vida econômica, sociocultural e política. O verniz de modernidade decorrente da incorporação das novas ondas de progresso técnico veio acompanhado de uma sistemática deterioração das condições de vida da maioria da população. O aumento assustador do desemprego, a acelerada precarização das relações de trabalho, o surpreendente retorno de formas de trabalho escravo que se imaginavam superadas, a emigração em massa da força de trabalho em busca de melhores condições de vida, a crise da industrialização nas economias que haviam logrado avançar no processo de substituição de importações, o avanço do agronegócio sobre as terras dos pequenos e médios agricultores e sobre as áreas virgens do que ainda sobrou de floresta, a falta de moradia e a deterioração das condições de vida nas grandes e médias cidades, a escalada da violência urbana e rural que vitima milhares de pessoas todos os anos e provoca grandes deslocamentos populacionais, a ausência de recursos para financiar serviços públicos mais elementares, ao mesmo tempo em que volumes gigantescos da receita tributária são canalizados para o pagamento da dívida pública, o retorno de epidemias e endemias que já eram dadas como erradicadas, o atropelo das populações indígenas e de seu modo de vida, a escalada sem precedentes da depredação do meio ambiente, a corrupção em proporção amazônica que gangrena os aparelhos de Estado em todas suas dimensões, a assinatura de pactos internacionais espúrios que violentam abertamente a soberania nacional, a chocante tutela da comunidade econômica e financeira internacional sobre as decisões estratégicas do Estado Nacional, a proliferação de bases militares norte-americanas em todos os pontos do Continente, a descrença nas instituições e a crise política monumental – latente em algumas regiões, em franca ebulição em outras –, a profunda crise da identidade nacional, que coloca em questão a própria noção de sociedade nacional, todos estes processos são fenômenos pura e simplesmente incompreensíveis sem uma reflexão sistemática sobre o imperialismo de nosso tempo e sua forma específica de funcionamento na América Latina.

Quem observa a história recente da América Latina constata facilmente que não faltaram energia nem disposição de luta para resistir à nova onda de saque e pilhagem que se abateu sobre o Continente. Nos sombrios anos noventa, os ares de rebelião sopraram por todos os lados. A intensidade e a diversidade das lutas políticas que marcaram o passado recente transformaram a América Latina em um verdadeiro laboratório de luta de classes. Visto em conjunto, o panorama das lutas sociais dá a impressão de que a região é um vulcão preste a entrar em erupção. Não é aqui o lugar de fazer um balanço crítico das experiências de luta das últimas décadas, mas não é exagero afirmar que, no desespero de enfrentar uma situação particularmente adversa, as classes subalternas dispararam para todos os lados. Houve

iniciativas radicais, ultra-radicais, moderadas e ultramoderadas; ações que ficaram circunscritas aos marcos institucionais, as que recorreram ao expediente da desobediência civil e ainda as que desafiaram abertamente a ordem legal; movimentos de massa, que mobilizaram milhões de pessoas, processos que priorizaram a ocupação dos aparelhos de Estado e a conquista do poder institucional pela via eleitoral e operações vanguardistas protagonizadas por pequenos grupos armados; processos políticos que colocaram explicitamente o objetivo da conquista do poder do Estado e outros que procuraram mudar a situação pela construção de um difuso contrapoder popular; ações de caráter meramente defensivo e as que desafiaram abertamente a ordem estabelecida; organizações políticas de inspiração desenvolvimentista, nacionalista, comunista, anarquista e indigenista; movimentos imediatistas e outros com perspectivas milenaristas; processos políticos que eclodiram de maneira espontânea e outros que resultaram de um longo acúmulo de forças; ações ousadas e convencionais, atitudes intransigentes e rendições incondicionais; sacrifícios heróicos e vergonhosas traições.

A ordem burguesa mobilizou todos os expedientes imagináveis para neutralizar a reação popular. O que não pôde ser isolado ou cooptado foi pura e simplesmente esmagado. O inventário das vítimas daria uma história sem fim. O incomensurável sacrifício humano despendido na luta contra a nova investida do imperialismo não foi suficiente, no entanto, para deter o avanço da barbárie e abrir novos horizontes para a América Latina. O estado de rebelião permanente não se traduziu em transformações efetivas que mudassem qualitativamente o curso dos acontecimentos. O caso argentino é emblemático. Após derrubar quatro presidentes em poucas semanas, a insurreição popular que começou com a palavra de ordem ultra-radical de negação absoluta do poder instituído - “que se vullan todos” - terminou com a retomada de políticas neoliberais muito bem comportadas e a restauração dos métodos e dos personagens do velho peronismo. Nesse contexto, a Venezuela – a situação mais radicalizada da América Latina – aparece como uma exceção. A força tectônica que move a revolução bolivariana abre brechas que, se bem aproveitadas, podem quebrar os obstáculos que bloqueiam a mudança e desencadear uma dinâmica de transformação irreversível. Até o momento, entretanto, o desfecho do processo encontra-se indeterminado, pois as forças contra-revolucionárias, ainda que desarticuladas e desmoralizadas, não foram liquidadas. Ainda incipientes e, em certo sentido, indefinidas, as situações da Bolívia e do Equador se aproximam da situação venezuelana. A tragédia colombiana, em que as formas mais radicalizadas de revolução e contra-revolução se manifestam em sua plenitude, é um caso à parte que, paradoxalmente, sintetiza todo o terrível impasse latino-americano e parece prefigurar o seu destino.

Ainda que todo o sacrifício humano para barrar a ofensiva imperialista no Continente não tenha sido em vão, pois foi indispensável para diminuir o impacto destrutivo das políticas neoliberais e alimentar um precioso aprendizado político que, se devidamente digerido, poderá ser fundamental em embates futuros, a verdade é que o imperialismo demonstrou uma surpreendente capacidade de contornar os obstáculos que se lhe antepunham, neutralizar as iniciativas que pudessem subverter a ordem e impor o desiderato do padrão de acumulação neoliberal-periférico às sociedades latino-americanas. Quando posta em perspectiva de longa duração, a impotência para deter a nova ofensiva do imperialismo reproduz uma seqüência de oportunidades perdidas que mantém a América Latina presa ao círculo de ferro do capitalismo dependente e do subdesenvolvimento.

Como não faltaram momentos de crises políticas profundas, que abriam oportunidades reais para a mudança, nem disposição de luta e sacrifício para enfrentar a nova ofensiva contra a dignidade dos povos, talvez o impasse latino-americano esteja associado à falta de instrumentos políticos adequados para enfrentar a situação, carência que fez com que os esforços despendidos ficassem aquém do necessário para fazer face à força do adversário, perdendo-se em processos estéreis ou, pior, em equívocos recorrentes que redundaram em graves derrotas. Esta é a hipótese de um dos maiores sociólogos latino-americanos – Florestan Fernandes. Infelizmente, ao que parece, seu balanço sobre o estado da luta de classes na região no final da década de setenta não foi ultrapassado: “O diagnóstico correto, embora terrível para todos nós, é que nunca fizemos o que deveríamos ter feito”. E mais: “[...] ainda não sabemos quais são os caminhos que nos levarão à desagregação do nosso capitalismo selvagem e a soluções socialistas apropriadas à presente situação histórica”.<sup>3</sup>

É o abismo entre a evidente necessidade de profundas transformações econômicas, sociais, políticas e culturais e a patente incapacidade para realizá-las que reclama o pensamento de Lênin – a principal referência teórica do marxismo revolucionário do século XX. Após a falência do chamado “socialismo real”, pode parecer extemporâneo insistir na reivindicação de idéias que se imaginavam despedidas pela História. E, no entanto, poucas reflexões podem ser mais providenciais para oxigenar o debate político de uma geração de militantes criados na tradição do anarquismo, do basismo, do corporativismo, do parlamentarismo, bem como na escola de um stalinismo mais ou menos dissimulado. Não se trata de imaginar o pensamento de Lênin como uma panacéia capaz de dar respostas aos complexos problemas da luta de classes contemporânea, mas de recuperar uma reflexão que constitui patrimônio inestimável do movimento socialista revolucionário.<sup>4</sup>

Esta introdução foi escrita para os militantes socialistas que estão conscientes da insuficiência de seus instrumentos políticos, que não conhecem o pensamento de Lênin e que sentem curiosidade de conhecê-lo. Não se pretende ir além do próprio Lênin e, muito menos, ditar a essência de sua “verdade”, iniciativa que seria destituída de qualquer sentido construtivo e que contrariaria todos os princípios de seu método de trabalho. Que cada um faça sua própria leitura de Lênin e a discuta no local apropriado - as organizações de luta dos trabalhadores. Nossa finalidade se restringe a sistematizar os elementos fundamentais do sistema teórico que organiza a reflexão de Lênin sobre os dilemas da revolução na era do imperialismo. O objetivo é oferecer uma visão de conjunto da relação entre o seu pensamento e a sua teoria do imperialismo. Ao explicitar as questões fundamentais levantadas por Lênin, pôr em evidência a coerência de seu método e explicitar a sua extraordinária importância prática, pretendemos apenas instigar o estudo de um gigante do socialismo revolucionário que precisa ser conhecido.

---

<sup>3</sup> Fernandes, F., Apresentação do livro de V.I.Lênin, *Que Fazer?*, São Paulo, Hucitec, 1978, pp. XII e XIV.

<sup>4</sup> A propósito da infalibilidade de Lênin, um mito construído pelo stalinismo, que, na realidade, tinha a finalidade de defender a infalibilidade do próprio Stalin, supostamente o “verdadeiro” portador das verdades do leninismo, convém lembrar as palavras do próprio Lênin: “O homem inteligente não é aquele que não comete falta alguma. Tais indivíduos não existem nem podem existir. O homem inteligente é aquele que não comete faltas demasiado graves e sabe corrigi-las rapidamente, com facilidade”, apud, Lukács, G., *O Pensamento de Lênin*, p. 130.

O estudo introdutório foi organizado de forma a evidenciar como Lênin combina método, teoria e investigação histórica para desnudar os vínculos entre imperialismo, barbárie e revolução. A exposição será desdobrada em três movimentos. Na próxima seção, “Em busca da totalidade”, apresentaremos um resumo sintético do pensamento dialético de Lênin, enfatizando a importância central da noção de “totalidade” como elemento-chave de seu método de “análise concreta de uma situação concreta”. Na terceira parte, “A teoria do imperialismo de Lênin”, explicitaremos o método e a teoria utilizados por Lênin para analisar a economia mundial em seu conjunto, mostrando as razões que o levam a definir o capitalismo monopolista como um regime de transição do capitalismo ao socialismo. Na quarta seção, “O pensamento de Lênin em seu movimento concreto”, examinaremos a evolução de seu pensamento, sistematizando os principais aspectos de sua teoria da revolução, de sua teoria do partido e de sua teoria da transição. Nesta oportunidade, apresentaremos a interpretação de Lênin sobre o imperialismo de seu tempo, definindo as relações concretas entre imperialismo, barbárie e revolução no início do século XX. Por fim, na última seção, “Observações finais”, realizaremos um resumo sintético do método de Lênin e de suas principais conclusões, destacando a importância de sua contribuição para a compreensão da fase superior do imperialismo e para a luta pelo socialismo em nosso tempo.

## 2. Em busca da totalidade

O pensamento de Lênin é fruto de um esforço sistemático para tirar conclusões práticas da máxima de Marx, segundo a qual “os filósofos até agora interpretaram o mundo, mas se trata de transformá-lo”, e de seu necessário corolário: “a teoria converte-se em força material quando penetra nas massas”. Sua intenção é levar a ruptura com a atitude contemplativa do mundo às últimas conseqüências, fundindo materialismo histórico e luta revolucionária. O desafio consiste em converter a força potencial do proletariado – a classe social que representa a antítese da burguesia – em força política real com poder de impulsionar a revolução socialista. O nó da questão reside em constituir a classe operária como sujeito histórico capaz de negar o capitalismo e afirmar o seu contrário – o comunismo.

No âmbito do pensamento marxista, a reflexão de Lênin representa uma ruptura com o materialismo evolucionista, determinista e mecanicista que dominava a social-democracia europeia no início do século XX e que tinha em Bernstein, Kautsky e Plekhanov suas principais referências. Preocupado em recuperar o papel estratégico da ação política como elemento decisivo da História, Lênin retoma o problema clássico do materialismo dialético sobre a necessária unidade entre Teoria e Prática, cuja essência consiste em colocar a política como elo entre a reflexão e a ação. Com tal procedimento, Lênin integra organicamente a luta de classes como elemento vital do materialismo histórico e restitui o papel central da classe operária como alfa e ômega da práxis revolucionária. Sua visão pode ser sintetizada na idéia de que, assim como não existe movimento revolucionário sem teoria revolucionária – sua máxima clássica –, não existe teoria revolucionária sem movimento revolucionário – a premissa fundamental de sua epistemologia.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> A questão da relação entre a teoria e a prática é um tema permanente de debate entre os discípulos de Marx. A posição de Lênin pode ser aprofundada em Lukács, L., *O pensamento de Lênin*. Lisboa. Publicações Dom Quixote, 1975; Lefebvre, H., *Pour Connaître la Pensée de Lénine*. Paris, Bordas, 1957; Liebman M., *Le Léninisme sous Lénine*, 2V., Paris, Éditions du Seuil, 1967; Vázquez, A.S., *Filosofia da*

O esforço para converter o materialismo histórico em uma “álgebra da revolução”, que equaciona os desafios da revolução socialista e o modo de enfrentá-los, consubstancializou-se na operacionalização de um método de interpretação da realidade voltado para a obtenção de conhecimentos reais sobre as tendências efetivas da luta de classes e seus possíveis desdobramentos. Lênin sintetizou a quinta-essência de sua metodologia da seguinte maneira: “a análise concreta de uma situação concreta é a alma viva, a essência do marxismo”. A impressionante consistência de seu pensamento e a inabalável coerência de sua ação política foram determinadas pela fidelidade ao método, cuja essência reside em subordinar toda a interpretação do movimento histórico aos ditames da luta de classes. “Não se pode compreender a vitalidade desse pensamento, diretamente inserido na história em processo,” – afirma Florestan Fernandes - “se não se tem em mente que ele não existiria como tal sem o movimento socialista, que lhe deu ao mesmo tempo realidade histórica e sentido político revolucionário. Ele definiu o seu módulo político, determinando tanto o seu conteúdo quanto sua orientação revolucionários, e explicando simultaneamente seja sua continuidade e oscilações, seja suas debilidades e sua força terrível”.<sup>6</sup>

A compreensão da realidade como síntese de múltiplas determinações leva Lênin a recuperar as conseqüências revolucionárias da “totalidade” como categoria basilar do legado de Marx e Engels. É esta perspectiva que lhe permite integrar os problemas da acumulação de capital e da luta de classes como fenômenos que se condicionam reciprocamente. A visão do movimento histórico como um todo contraditório em permanente transformação implica a concepção da transição do capitalismo para o socialismo como resultado de uma luta de vida ou morte entre o proletariado e a burguesia. O papel estratégico da classe operária como sujeito histórico resulta de sua capacidade ímpar de desnudar a natureza antagônica da relação capital-trabalho e de conscientizar-se da necessidade inescapável de sua superação. Nisto, Lênin segue o que havia sido estabelecido por Marx: “Se os autores socialistas atribuem ao proletariado esse papel histórico mundial, não é [...] porque tenham os proletários por deuses, antes pelo contrário, é porque a abstração de toda a humanidade, mesmo da aparência de humanidade, está praticamente consumada no proletariado plenamente desenvolvido, uma vez que nas condições de vida do proletariado estão resumidas ao seu paroxismo mais desumano todas as condições de vida da sociedade atual, uma vez que nele o homem se perdeu a si próprio, mas ao mesmo tempo não só adquiriu a consciência teórica desta perda como foi imediatamente estrangido pela miséria inelutável já desvelada, absolutamente imperiosa – expressão prática da necessidade – à revolta contra esta desumanidade; e é por isso que o proletariado pode e deve emancipar-se. Não pode, contudo, emancipar-se sem suprimir as suas próprias condições de vida. Não pode, contudo, suprimir as suas próprias condições de vida sem suprimir todas as condições de vida da sociedade atual, que se condensam na sua situação”.<sup>7</sup>

Refratário a concepções fatalistas, que derivam o curso dos acontecimentos de leis inflexíveis que ditam a trajetória inexorável da história, tornando-a uma seqüência predeterminada de etapas, e contrário a todas as formas de voluntarismo político, que descolam o futuro da

---

*Práxis*. São Paulo, Expressão Popular/Clacso, 2007; Arato, A., A Antinomia do Marxismo Clássico: Marxismo e Filosofia, in Hobsbawm, E.J., *História do Marxismo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989; e Gruppi, L., *O pensamento de Lênin*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

<sup>6</sup> Fernandes, F. Introdução. In: Lenin, V.I., *Lênin: Política*. São Paulo. Ática, 1978, p. 34.

<sup>7</sup> Marx, K.; Engels, F. *Sagrada Família*. Centauro Ed., 2001.

sociedade das contradições do presente, deixando-o totalmente indeterminado, Lênin resgata a dialética como categoria que aponta o devir da sociedade, vinculando o campo de oportunidades de cada formação social às contradições que impulsionam seu movimento histórico. Ao identificar nos fatos concretos as evidências que apontam o germe do novo no ventre do velho, definindo os desajustes estruturais que abrem espaço para a aceleração histórica e as rupturas cruciais que superam as contradições, Lênin transforma o materialismo histórico em uma poderosa arma de interpretação da realidade que indica os passos decisivos que levam à revolução socialista. “Se considerarmos o conjunto do pensamento de Lênin,” – afirma Gruppi - “veremos que a atenção se volta sempre para a dialética: dialética dos processos reais, modo pelo qual se manifesta neles a contradição, relação entre todos os elementos que a constituem, conexão entre situação objetiva e iniciativa política. A política só é plenamente tal, só atinge uma fundamentação científica própria, se for guiada pela teoria, pelo conhecimento das leis que governam o desenvolvimento histórico e das categorias que devem ser aplicadas à análise das situações concretas. Mas, precisamente por isso, a política – fundada pela teoria – por sua vez funda essa teoria, a verifica, exige seu desenvolvimento, num constante reexame crítico. A política representa a unidade entre a teoria e a ação, a mediação entre elas”.<sup>8</sup>

Fundador do partido bolchevique, arquiteto da revolução russa e líder máximo do primeiro Estado operário, Lênin condiciona o aproveitamento das oportunidades históricas à presença efetiva do proletariado como sujeito histórico dotado de consciência de classe, tirocínio político e poder de ação para enfrentar a burguesia. Seu raciocínio é prático. Sem força e inteligência para disputar o poder, a classe operária simplesmente não tem meios objetivos e subjetivos para vencer a burguesia. No seu dizer: “Sería erróneo creer que las clases revolucionarias siempre tienen la fuerza suficiente para realizar la transformación en el momento en que las condiciones del desarrollo socioeconómico han hecho que la necesidad de esa transformación éste totalmente madura. Esto no es así; la sociedad no está arreglada de una manera tan racional y tan “conveniente” para sus elementos progresistas. La necesidad de una transformación puede estar madura, pero la fuerza de los creadores revolucionarios de dicha transformación puede resultar inadecuada para lograrla. En estas condiciones, la sociedad se pudre y su putrefacción puede durar décadas enteras”.<sup>9</sup>

O pensamento de Lênin sobre a constituição do proletariado como sujeito histórico destaca fundamentalmente dois aspectos do processo de formação da consciência de classe. De um lado, o proletariado tem de superar o estado de fragmentação política e alienação ideológica - condição inerente à situação do trabalho no modo de produção capitalista - que compromete sua possibilidade de atuação como força política independente. De outro, tem de desenvolver uma subjetividade revolucionária capaz de, nos momentos críticos da luta de classes, tomar as decisões cruciais que impulsionam o processo revolucionário para a vitória, questão particularmente decisiva nas conjunturas de crises revolucionárias, quando a debilidade do regime burguês coloca na ordem do dia a conquista do poder.

Tendo como base a história do movimento operário europeu, Lênin concebe a formação da classe operária como um complexo processo histórico que combina **lutas econômicas** - que envolvem a relação dos trabalhadores com os capitalistas nas fábricas - e **lutas políticas** - que

<sup>8</sup> Gruppi, L., *O pensamento de Lênin*. Rio de Janeiro, Graal, 1979, p. 300.

<sup>9</sup> Lênin, V. I., *Obras*, Moscou, 1947, vol. 9, p. 338.



colocam em questão as relações de poder entre as classes ; lutas que reivindicam **mudanças dentro da ordem** – a reforma do capitalismo – e lutas que pleiteiam **mudanças contra a ordem** – a revolução socialista; **movimentos espontâneos** - que brotam naturalmente da insatisfação das massas com as péssimas condições de vida - e **movimentos organizados** - que exigem a presença de um centro de comando que possa aglutinar, catalisar e direcionar a energia da classe operária para objetivos políticos predefinidos.

A originalidade de sua contribuição encontra-se na fundamentação da necessidade de “organizações revolucionárias” como elemento indispensável para a constituição do proletariado como sujeito histórico que pode negar o modo de produção capitalista. O desafio fundamental consiste em criar as condições para que as lutas destinadas a enfrentar os problemas concretos e imediatos da classe operária se transformem em lutas que impulsionem seus interesses estratégicos e de longo prazo. O nó da questão está na capacidade de levar a unidade existente entre a luta por reformas e a luta pela revolução – momentos constitutivos de um mesmo processo histórico – a seu ponto de ebulição, quando as mudanças graduais se convertem em saltos qualitativos. A função estratégica da “organização revolucionária” deriva de seu papel decisivo na viabilização da fusão entre teoria revolucionária e movimento revolucionário – condição sem a qual a revolução socialista não pode ser levada às suas últimas conseqüências.

A defesa da “organização revolucionária” como elemento catalisador indispensável para elevar o grau de consciência de classe do proletariado apoiava-se na tradição do movimento social-democrata europeu e tinha em Kautsky sua referência teórica fundamental. O raciocínio é o seguinte: a incapacidade do movimento operário de impor à luta de classes, por conta própria, um radicalismo que transcenda os marcos do regime capitalista é atribuída à natureza fetichista das relações de produção capitalistas e ao caráter alienante do processo de trabalho. No contexto de uma situação concreta que camufla os elementos essenciais da realidade, a visão crítica depende de um elemento externo às relações imediatas do proletariado com o capital. Somente quando exposto à reflexão crítica da realidade, que desnuda as forças motrizes que determinam a luta de classes, o proletariado tem condições de realizar um salto de qualidade no seu grau de consciência de classe e adquirir a clareza política e a consistência ideológica necessárias para impulsionar a luta revolucionária.

Dentro dessa perspectiva, a luta econômica por aumentos salariais e melhores condições de trabalho – produto espontâneo da contradição capital-trabalho – é um momento importante no processo de formação da classe como força política. É neste embate que o trabalhador desperta para a luta de classes e se conscientiza de que precisa se organizar em torno de seus interesses comuns ante o capital. Trata-se, contudo, de um passo insuficiente. Somente quando o proletariado avança para a luta política, disputando o poder do Estado, é que se criam as condições para que ele possa se organizar como classe social portadora de um projeto de sociedade. Ainda assim, o salto de qualidade na consciência de classe não é automático. Enquanto a consciência de classe permanecer circunscrita ao horizonte sindical, limitando-se a reivindicar melhorias nas condições de vida, a luta política atua sobre os efeitos do desenvolvimento capitalista e não sobre suas causas estruturais, sendo, portanto, estéril como fator de negação do modo de produção capitalista.

Como a classe operária não possui uma inteligência nata de sua situação social e de suas potencialidades políticas e como tal inteligência não brota naturalmente das lutas operárias, o

salto da forma embrionária de consciência de classe – circunscrita aos parâmetros da ordem burguesa - para a forma revolucionária propriamente dita – que nega o regime do capital e propõe o comunismo - requer o acesso a uma reflexão crítica que está muito além das possibilidades de quem está submetido a um regime de trabalho e de vida que massacra e embrutece o ser humano.<sup>10</sup> É a constatação de que o proletariado é incapaz de alcançar espontaneamente o grau necessário de consciência ideológica e coesão política para impulsionar a revolução socialista que leva Lênin a atribuir um papel estratégico à “organização revolucionária” comonexo indispensável entre a teoria revolucionária e o movimento revolucionário. A superação da alienação pressupõe a luta do trabalho contra o capital – que cria a necessidade de um conhecimento crítico da realidade –, mas requer um elemento adicional que transcende a luta propriamente dita: a reflexão – que permite ir além das aparências dos fenômenos e, ao recompor a totalidade de uma realidade que aparece fragmentada e caótica, desnudar o caráter contraditório do capitalismo. A importância estratégica deste último elemento é insubstituível para que o proletariado possa transcender sua experiência imediata. No dizer de Lênin: “Os operários, [...], não podiam ter ainda a consciência social-democrata. Esta só podia chegar até eles a partir de fora. A história de todos os países atesta que, pelas próprias forças, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical, isto é, à convicção de que é preciso unir-se em sindicatos, conduzir a luta contra os patrões, exigir do governo essas ou aquelas leis necessárias aos operários [...]”.<sup>11</sup>

Na visão de Lênin, a formação da consciência de classe do proletariado como classe em si e classe para si é um processo histórico condicionado pela possibilidade de uma fusão entre a luta por reformas e a luta pela revolução. A importância estratégica da organização revolucionária como fator de centralização da força política da classe operária e de elevação de seu espírito revolucionário decorre de seu papel crucial na mediação entre a luta econômica, que brota espontaneamente do conflito entre o capital e o trabalho, e a luta política revolucionária, que requer uma perspectiva que transcenda a ordem burguesa.<sup>12</sup> Cabe ao

---

<sup>10</sup> A consciência revolucionária não nasce espontaneamente das lutas operárias porque requer uma elaboração crítica que supere os limites da consciência burguesa a respeito do modo de funcionamento da economia e da sociedade capitalista. Em *O Conceito de Hegemonia em Gramsci* (Rio de Janeiro, Edições Graal, 1980), Luciano Gruppi resumiu a questão nos seguintes termos: “Deve-se verificar um esforço de pensamento e uma capacidade de elaboração conceitual que pressupõem a presença e a assimilação de uma série de categorias científicas, que podem ser atingidas tão-somente num altíssimo nível de cultura, precisamente naquele nível a que chegou Marx”, p. 36.

<sup>11</sup> Lênin, V.I., *Que Fazer?* Apresentação de Florestan Fernandes. São Paulo, Hucitec, 1978, pp. 24-25. [Obras Escogidas, v.1., p.142]. Cabe lembrar que o intelectual de que fala Lênin está ele próprio imerso na luta política, pois, na tradição de Marx, a meditação desvinculada da luta política fica reduzida a uma mera escolástica. A propósito, cabe registrar a observação de Gruppi, em *O conceito de hegemonia em Gramsci*: “Devemos estar atentos, todavia, para um equívoco bastante difundido na interpretação de Lênin. Para Lênin, afirma-se, o partido revolucionário seria exterior à classe operária. Lênin jamais disse coisa do gênero. Ele afirma que a teoria vem de fora, do exterior, mas que o partido é a organização que liga a teoria revolucionária com o movimento; e, portanto, colocando a teoria revolucionária em contato com o movimento, permite um ulterior enriquecimento e desenvolvimento deste último”, Op. cit., p. 37.

<sup>12</sup> A necessária unidade entre reforma e revolução fica patente na seguinte afirmação de Lênin: “Criticamos com a máxima severidade a velha II Internacional [...] declaramos que ela está morta [...] mas não dizemos jamais [...] que até agora se tenha dado peso excessivo às chamadas ‘reivindicações imediatas’, nem que isso possa levar à emasculação do socialismo. Afirmamos e demonstramos que

partido revolucionário a tarefa insubstituível de submeter a sociedade burguesa a uma crítica implacável, mostrando, em cada embate concreto, os elos dialéticos entre o imediato e o porvir, o inicial e o final, o particular e o geral, o sintoma e o diagnóstico, o efeito e a causa, o paliativo e a cura, o gradual e o concentrado, o contínuo e o descontínuo, o institucional e o extra-institucional, a luta por reformas e a luta pela revolução. É a partir deste processo pedagógico que, no seu movimento de fluxos e refluxos, avanços e recuos, vitórias e derrotas, a classe operária chega à consciência da necessidade e da possibilidade da revolução social como única resposta positiva para as contradições e antagonismos que a afligem. Enfatizando a importância de fundir a teoria revolucionária com o movimento revolucionário como elemento central para elevar a consciência de classe do operariado, Lênin afirma: “Desde el momento en que el planteamiento de los objetivos era justo, desde el momento en que había suficiente energía para intentar reiteradas veces lograr esos objetivos, los reveses temporales representaban una desgracia a medias. La experiencia revolucionaria y la habilidad de organización son cosas que se adquieren con el tiempo. ¡Lo único que hace falta es querer desarrollar en uno mismo las cualidades necesarias! ¡Lo único que hace falta es tener conciencia de los defectos, cosa que en la labor revolucionaria equivale a más de la mitad de la corrección de los mismos!”<sup>13</sup>

Para cumprir sua tarefa, o partido revolucionário deve mostrar as contradições às massas e indicar-lhes o caminho que representa o avanço da revolução, mas nunca fabular sobre seu estado de espírito, colocando-lhes objetivos que estejam além de sua compreensão e de sua capacidade de luta. Separada da ação revolucionária, a reforma atua sobre os efeitos do problema e não sobre suas causas. Ao negar a possibilidade de mudanças qualitativas, o reformismo naturaliza o *status quo* e converte-se em uma força política conservadora. De modo inverso, isolada da luta por reformas tangíveis, a luta revolucionária desvincula-se da realidade concreta da luta de classes, tornando-se uma agitação estéril, sem efeitos práticos para a classe operária. Ao propor soluções abstratas, descoladas do dia-a-dia das massas e inatingíveis no curto prazo, o esquerdismo ignora a necessidade de mediações entre as lutas econômicas e políticas, entre a reforma e a revolução, substituindo a definição de objetivos conseqüentes por palavras de ordem vazias que não encontram eco nas massas. Convertendo o socialismo em objetivo imediato, o esquerdismo perde o diálogo com as massas e desconecta-se do movimento operário. Entre reformistas e esquerdistas, Lênin identifica um elemento comum: a profunda desconfiança de ambos quanto ao poderio revolucionário da classe operária. “La socialdemocracia revolucionaria siempre ha incluido y sigue incluyendo en la órbita de sus actividades la lucha por las reformas. Pero utiliza la agitación ‘económica’ no sólo para reclamar del gobierno toda clase de medidas, sino también (y en primer término) para exigir que deje de ser un gobierno autocrático. Además, considera su deber presentar al gobierno esta

---

todos os partidos burgueses, todos os partidos, com exceção do partido revolucionário da classe operária, mentem e são hipócritas quando falam de reformas. Buscamos ajudar a classe operária a obter uma melhoria real (econômica e política), ainda que mínima, da sua situação; e acrescentamos *sempre* que *nenhuma* reforma pode ser estável, autêntica e séria se não for apoiada por métodos revolucionários de luta de massas. Ensinamos continuamente que um partido socialista que não una essa luta pelas reformas com os métodos revolucionários do movimento operário pode se transformar numa seita, pode distanciar-se das massas, e esse é o perigo mais sério para o sucesso do verdadeiro socialismo revolucionário”. Lênin, V. I., Obras, v.21, pp. 387-388, apud Gruppi, L., *O Pensamento de Lênin*, pp. 120-121.

<sup>13</sup> Lenin, V.I., *¿Qué Hacer? ¿Qué Hacer?*, In? Obras Escogidas, v.1. p. 144.

exigencia no sólo sobre el terreno de la lucha económica, sino también sobre el terreno de todas las manifestaciones en general de la vida social y política. En una palabra, como la parte al todo, subordina la lucha por las reformas a la lucha revolucionaria por la libertad y el socialismo.”<sup>14</sup>

---

Em suma, a importância crucial da “organização revolucionária” na constituição do operariado como sujeito histórico decorre de sua importância estratégica para fecundar a classe com o germe da revolução, transformando o instinto de autodefesa da classe em consciência revolucionária de classe, dotando-a, assim, dos conhecimentos indispensáveis e dos dispositivos operacionais básicos para que ela possa armar-se dos fins e dos meios indispensáveis para vencer a burguesia e construir o socialismo. Ao condensar a energia revolucionária e direcioná-la para os objetivos estratégicos e táticos da revolução socialista, a “organização revolucionária” torna-se um dispositivo essencial da classe operária, permitindo o seu acesso à consciência socialista, a concentração de sua força política num organismo disciplinado que funciona como um todo monolítico, bem como a indispensável socialização de suas experiências de luta, condição necessária para que ela possa ganhar autoconfiança e acumular força para a conquista do poder. Na conclusão de *Un Paso Adelante, Dos Pasos Atrás*, Lênin sintetizou a questão nos seguintes termos: “El proletariado no dispone, en su lucha por el poder, de más arma que la organización. El proletariado, desunido por el imperio de la anárquica competencia dentro del mundo burgués, aplastado por los trabajos forzados al servicio del capital, lanzado constantemente ‘al abismo’ de la miseria más completa, del embrutecimiento y de la degeneración, sólo puede hacerse y se hará inevitablemente una fuerza invencible siempre y cuando que su unión ideológica por medio de los principios del marxismo se afiance mediante la unidad material de la organización, que cohesiona a los millones de trabajadores en el ejército de la clase obrera”.<sup>15</sup>

Na concepção de Lênin, a estratégia e a tática da revolução socialista devem ser definidas levando-se em consideração as condições objetivas e subjetivas da luta de classes, isto é, a especificidade que assume a relação dialética entre reforma e revolução, derivada da interpretação histórica sobre o sentido das mudanças sociais, as forças motrizes que as impulsionam e as “relações de poder real” presentes em cada momento histórico, que definem o efetivo poder de fogo das classes sociais em luta. Os imperativos da organização resultam de tais condicionantes. O caráter do partido revolucionário não pode, portanto, ser concebido de modo arbitrário, sem conexão com as necessidades concretas do movimento revolucionário. A estrutura e a forma de funcionamento do partido dependem da natureza dos desafios históricos que ele deve enfrentar para dirigir o movimento revolucionário para a conquista do poder. A organização revolucionária deve se ajustar permanentemente às exigências da luta revolucionária. É nesse sentido que Lukács enfatiza a sólida consistência de sua personalidade política: “Sangue e juízo misturam-se em Lênin com equidade, porque o seu conhecimento da sociedade visava em cada instante a ação necessária para este ou aquele momento do ponto de vista social, porque a sua prática era sempre a consequência necessária da soma e do sistema dos conhecimentos verdadeiros acumulados até esse momento.”<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> Lenin, V.I., *¿Qué Hacer?*. In: Obras Escogidas, v.1, p. 169.

<sup>15</sup> Lenin, V.I., *Un Paso Adelante, Dos Pasos Atrás*. In: Obras Escogidas, v.1, p. 465.

<sup>16</sup> Gruppi, L., *O pensamento de Lênin*, op. cit., p. 130.

### 3. A teoria do imperialismo de Lênin

Movido pela exigência de compreender a situação gerada pelas crescentes rivalidades entre as grandes potências capitalistas, que empurravam o mundo para uma guerra generalizada, e pela urgência de encontrar uma resposta teórica e prática para o fortalecimento das tendências oportunistas no interior da social-democracia, a partir de 1912 Lênin voltou sua atenção para o estudo do imperialismo. A importância crucial que ele dava ao entendimento do imperialismo pode ser aquilatada nas suas próprias palavras: “O problema do imperialismo” – escreve em 1915 – “não é somente um dos problemas essenciais, mas provavelmente o mais essencial na esfera da ciência econômica que estuda a mudança de forma do capitalismo nos tempos modernos. Conhecer os fatos relacionados a esta esfera, [...], é absolutamente indispensável para quem se interessa, não só pela economia, mas por qualquer aspecto da vida social contemporânea”.<sup>17</sup>

Produto de uma exaustiva pesquisa factual, que tinha os trabalhos de Hobson e Hilferding como principais referências, bem como de uma reelaboração do modo de aplicar o método de Marx, que levou Lênin a aprimorar a sua concepção dialética da História, *O Imperialismo: etapa superior do capitalismo* apresenta um “quadro de conjunto da economia mundial capitalista” no início do século XX que desmascara as idéias que apregoavam a possibilidade de conciliar imperialismo e “democracia mundial”.<sup>18</sup> O fio da meada que articula a argumentação é dado pela caracterização dos múltiplos processos que relacionam as leis de movimento do capitalismo monopolista ao fenômeno do imperialismo. A preocupação de não desvincular o conhecimento da ação faz o foco da interpretação recair nos impactos das estruturas e dinâmismos do capitalismo monopolista sobre a luta de classes em escala mundial e nas suas formas específicas de manifestação nos países desenvolvidos, atrasados e não desenvolvidos. O livro desvenda os nexos econômicos que determinam a necessidade inexorável do imperialismo na era dos monopólios. Sua finalidade última é desnudar as contradições do capitalismo monopolista e apontar a necessidade inelutável da revolução socialista como única solução civilizada que pode superar os horrores que acompanham o progresso capitalista.

Para definir os condicionantes objetivos e subjetivos da luta de classes na era do capitalismo monopolista, a teoria do imperialismo de Lênin combina dois movimentos. Por um lado, o capitalismo monopolista é compreendido como uma unidade dialética, que contempla não apenas todas as dimensões da economia e da sociedade - as forças produtivas, as relações de produção, a superestrutura jurídica e ideológica - em suas relações de mútua determinação no interior de cada formação social, como também os nexos inextrincáveis de exploração econômica e dominação política que condicionam a relação entre as diferentes formações

---

<sup>17</sup> Lênin, V. L., Prefácio ao Folheto de N. Bukhárin, *A economia mundial e o imperialismo* in *Obras Completas*, vol. XXIII, Madri: Akal Editor, 1977, p. 184.

<sup>18</sup> Para preparar seu trabalho, entre 1912 e 1916 Lênin examina 148 livros e 232 artigos sobre o tema. Percebendo que o desafio de encontrar os nexos existentes entre a multiplicidade de processos que condicionavam a nova configuração do capitalismo exigia um reforço de sua capacidade de utilizar o método do materialismo dialético, a partir de 1914 ele relê *O Capital* de Marx e retoma Hegel. Os resultados de seus estudos econômicos e políticos – mais de vinte brochuras de anotações - encontram-se compilados nos *Cadernos sobre o Imperialismo*. As anotações de seus estudos sobre a dialética encontram-se reunidas nos *Cadernos sobre Filosofia*.

econômicas e sociais que conformam o sistema capitalista mundial. Por outro lado, a tendência efetiva da luta de classes é relacionada aos condicionantes subjetivos que a determinam: os efeitos das novas contradições sobre o comportamento das classes sociais; a possibilidade de o acirramento dos antagonismos gerar uma crise revolucionária que abra espaço para saltos históricos; a polarização da luta de classes entre revolução e contra-revolução; o risco de o proletariado desperdiçar a oportunidade histórica de superar o capitalismo pela ausência de uma teoria revolucionária que unifique a classe para enfrentar a burguesia.

É a sua capacidade de chegar a uma síntese explicativa sobre o caráter do novo momento histórico – a definição do **imperialismo como regime de transição** do capitalismo para o socialismo - e a contradição que o preside – o crescente **antagonismo entre a socialização das forças produtivas em escala mundial e a apropriação privada dos meios de produção** por uma oligarquia financeira - que lhe permite definir as tendências em luta – **socialismo ou barbárie** - e os desafios imediatos que devem ser enfrentados pela classe operária para impulsionar a revolução socialista internacional – **transformar a guerra imperialista em guerra civil**. “Nesse sentido,” – afirma Gruppi - “Lênin continua a obra de Marx acrescentando-lhe um novo e essencial capítulo e coloca o marxismo em condições de enfrentar, no plano da teoria e da ação revolucionária, a nova época histórica com que se defronta o proletariado. [...] A conquista teórica de Lênin está na lúcida visão de como a estratégia do proletariado deve ser posta no quadro do desenvolvimento imperialista”.<sup>19</sup>

Ao qualificar o imperialismo como superestrutura do capitalismo monopolista, forma política de dominação do capital financeiro sobre a sociedade burguesa, a interpretação de Lênin contrapôs-se ao revisionismo de Bernstein, que previa uma evolução lenta e pacífica do capitalismo ao socialismo, e ao reformismo de Kautsky, cuja visão parcial e abstrata do imperialismo contemplava a possibilidade ora de um capitalismo sem imperialismo, ora de um ultra-imperialismo sem guerras. Em relação aos alentados tratados teóricos e históricos de seus contemporâneos social-democratas, como Rosa Luxemburgo, Bukarin e o próprio Hilferding, o diferencial de sua teoria reside na sua definição dos nexos orgânicos de mútua determinação entre o padrão de acumulação e o padrão da luta de classes. “A concepção leninista do imperialismo” – diz Lukács – “é, de modo aparentemente paradoxal, por um lado uma proeza teórica considerável, e por outro contém sob o ângulo de uma teoria puramente econômica bem poucas novidades reais. [...] A superioridade de Lenine consiste nisto: ter sabido – [...] – *ligar concreta e completamente a teoria econômica do imperialismo a todos os problemas políticos da atualidade e fazer do conteúdo da economia, nesta nova fase, o fio condutor de todas as ações concretas no mundo assim organizado*”.<sup>20</sup>

Concluído na primavera de 1916, às vésperas dos acontecimentos que levariam à Revolução de Outubro, *O Imperialismo* é muitas vezes interpretado como um documento conjuntural, sem maior valor teórico, um panfleto que sistematiza e divulga o conhecimento já estabelecido pela literatura liberal e socialista sobre as mudanças econômicas e políticas que transformavam o padrão de desenvolvimento capitalista. É uma interpretação equivocada. A linguagem simples utilizada por Lênin para tornar suas idéias acessíveis aos militantes socialistas revolucionários não deve iludir o leitor. O estilo direto do texto camufla a complexidade de sua trama. Seu ensaio é uma sofisticada construção intelectual, onde todos os elos do raciocínio estão

<sup>19</sup> Gruppi, L., *O pensamento de Lênin*, *op. cit.*, pp. 138 e 139.

<sup>20</sup> Lukács, G., *O pensamento de Lênin*, *op. cit.*, p. 56.

cuidadosamente conectados por vínculos dialéticos que definem uma totalidade concreta. Além de estabelecer a forma específica assumida pelo imperialismo no início do século XX e os desafios históricos daí decorrentes, análise que fundamentou os passos de Lênin como referência máxima da primeira revolução socialista, *O Imperialismo* contém uma elaborada metodologia de análise das leis de movimento do capitalismo e da luta de classes na era dos monopólios, bem como uma interpretação, de caráter estrutural, sobre o significado histórico do imperialismo como regime de transição do capitalismo para o socialismo – conquistas do pensamento revolucionário que têm um valor mais geral e preservam sua vitalidade como referência teórica e metodológica para a compreensão do capitalismo contemporâneo. Posto em perspectiva histórica, o livro extrapola largamente sua importância conjuntural para se transformar no que Tom Kemp classificou de “[...] a major document of twentieth-century Marxism”.<sup>21</sup>

Tendo como fundamento as formulações de Marx na Introdução de 1857 do livro *Contribuição à Crítica da Economia Política*, a teoria do imperialismo de Lênin atualiza a interpretação sobre as leis de movimento do capitalismo e tira suas conseqüências práticas para a luta revolucionária da classe operária.<sup>22</sup> A sua estrutura lógica organiza-se seguindo o procedimento clássico do método dialético, que se desdobra do abstrato – **o capital financeiro** – ao concreto – uma época histórica marcada por conflitos radicais e grandes comoções sociais que polarizam a luta de classes entre **a revolução e a contra-revolução**; das categorias mais simples – **o monopólio** – às categorias mais complexas – **o imperialismo** como superestrutura do capitalismo monopolista; da aparência do fenômeno – **a guerra como a defesa do interesse nacional** – à sua essência – o imperialismo como a força motriz que explica a necessidade inexorável da **força militar como arma de conquista** na era do capitalismo monopolista. A argumentação desenrola-se buscando determinar os múltiplos aspectos que definem o imperialismo como a superestrutura do capitalismo monopolista; a sua lógica de funcionamento; o desenvolvimento de suas estruturas e as tendências que daí decorrem; o choque de opostos que determina as contradições que impulsionam o movimento histórico; os nexos fundamentais que condicionam a sua unidade sintética como fenômeno histórico; o devir que delimita o campo de oportunidades que se coloca no horizonte histórico.

Adepto do princípio da objetividade da dialética, Lênin associa seus movimentos teóricos às evidências empíricas que os fundamentam, combinando uma complexa estrutura analítica com uma densa base empírica, características que imprimem a seu trabalho um elevadíssimo poder de persuasão.<sup>23</sup> A relação explícita entre as categorias abstratas e as relações sociais de

---

<sup>21</sup> Kemp, T., *Theories of Imperialism*. London, Dobson Books, 1967, p. 67. “Quite apart from differences about the validity of Lenin’s analysis, the immense influence of the book is admitted on all sides; there can be no doubt that it filled a theoretical vacuum in a way which none of the preceding works on the same theme could have done”, p. 67.

<sup>22</sup> Lefebvre destaca que o pensamento de Lênin é um esforço de atualizar a crítica teórica e prática de Marx ao capitalismo: “[...] chaque oeuvre importante comporte-t-elle cette double préoccupation et ce double mouvement interne: revenir aux principes théoriques et méthodologiques du marxisme, les reprendre, les restituer dans toute leur force – et les appliquer aux réalités et problèmes nouveaux révélés par la pratique, par la vie, de façon à résoudre ces problèmes”, Lefebvre, H. *Pour Connaître la Pensée de Lénine*. Op. cit., p. 130.

<sup>23</sup> Sobre os fundamentos da dialética de Lênin, ver Lefebvre, H. **Pour Connaître la Pensée de Lénine**. Paris. Bordas, 1957, capítulo 3, “La Pensée Philosophique de Lénine”. O poder de persuasão de *O imperialismo* mereceu o seguinte comentário de Tom Kemp: “The impact of its facts and figures

produção que lhe são correspondentes põe em evidência as bases sociais do capitalismo monopolista, afastando Lênin de qualquer reducionismo economicista que pudesse comprometer seu objetivo maior de mostrar os nexos entre acumulação de capital, mudança social e luta de classes. O entendimento do conceito abstrato como expressão pensada do real leva a investigação a se desenvolver como um processo contínuo, de sucessiva aproximação à realidade histórica. A recusa em cristalizar os conceitos e transformar as análises em verdades absolutas faz com que sua interpretação assuma a forma de um corpo de conhecimento permanentemente permeável às mudanças da realidade histórica. Portanto, mais do que uma explicação definitiva, sua teoria do imperialismo deve ser concebida como um ponto de partida para novas investigações. Daí o caráter necessariamente inconcluso de sua reflexão. “Pode-se dizer” – afirma Gruppi – “que é possível extrair de Lênin uma indicação metodológica do seguinte tipo: deve-se ir da categoria (abstrata) até a investigação do concreto, inferir daqui novas categorias científicas, sempre abstratas enquanto tais, porém mais complexas e mais próximas ao concreto para com elas levar a investigação a um novo nível e assim por diante”.<sup>24</sup>

A fim de explicitar as conclusões da teoria do imperialismo que têm um caráter estrutural e permanecem vigentes como determinantes gerais do imperialismo contemporâneo, separando-as das formulações de caráter conjuntural, determinadas pelas condições históricas específicas do início do século XX, é importante reconstituir o movimento metodológico e teórico que leva Lênin a caracterizar o imperialismo como clímax do desenvolvimento capitalista. Seguindo o procedimento de uma aproximação paulatina ao objeto, que avança através de círculos sucessivos, do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, em que cada círculo incorpora as determinações do círculo anterior até a conformação da totalidade concreta, que define as bases fundamentais do processo histórico, o raciocínio desenvolvido em *O Imperialismo* evolui associando: o desenvolvimento do capitalismo à gênese do capitalismo monopolista; a gênese do capitalismo monopolista à dominação de uma oligarquia financeira e ao aparecimento de uma aristocracia operária; as leis de movimento do capitalismo monopolista ao aparecimento do imperialismo como padrão de relacionamento que preside a economia mundial; a caracterização do imperialismo como regime de transição à formação das bases objetivas para a construção do socialismo; o zênite do mundo burguês ao avanço da barbárie; a impossibilidade de reformar o imperialismo à revolução socialista como única alternativa que pode barrar o avanço da barbárie capitalista. É esta linha de raciocínio – que será explicitada abaixo - que levou Lênin à conclusão de que o acirramento das contradições e dos antagonismos do capitalismo tendia a polarizar a luta de classes entre revolução e contra-revolução.

---

and condensed theoretical point is powerful. It shows Lenin’s pedagogical skill and his characteristic ability to generalize and to make arresting characterization. It is within the grasp of large numbers of educated people and not merely those who have studied the writings of Marx in some detail. For all its ‘Aesopian’ language” – destinada a despistar a censura czarista – “it was more a political tract than an economic study: it was designed to educate the working class and make its members conscious both of the nature of the epoch through which they were living and of the causes of what he regarded as the betrayal of the major part of its leaders”. Kemp, Tom. *Theories of Imperialism*. London, Dobson Books, 1967, p. 67.

<sup>24</sup> Gruppi, L., *O pensamento de Lênin*. *Op. cit.*, p. 138. Sobre a “teoria do reflexo” de Lênin ver, Lefebvre, H. *Pour Connaître la Pensée de Lénine*. *Op. cit.*, especialmente capítulo 3.



Apoiando-se em uma ampla base de evidências empíricas sobre o processo de monopolização da indústria e dos bancos, Lênin recorre à lei da tendência à concentração e centralização do capital, que condiciona a reprodução ampliada do capital, para explicar o processo histórico de transformação do capitalismo competitivo em capitalismo monopolista – a mudança fundamental que caracteriza o esgotamento definitivo do papel progressista do capitalismo como modo de produção. Atendo-se ao plano das forças produtivas e das relações de produção, sua investigação mostra como as transformações quantitativas na composição técnica e na composição orgânica do capital se convertem em transformações qualitativas, dando origem ao capital financeiro – uma fusão do monopólio industrial com o monopólio bancário. Independentemente da forma histórica que assume o processo de formação do capital financeiro (que, baseando-se na experiência alemã, Lênin atribuía ao papel estratégico dos bancos), o capitalismo monopolista caracteriza-se pela extraordinária ampliação das bases técnicas e financeiras do capital. A formação de uma espécie de “capitalista coletivo”, que aglutina grandes massas de capitais industriais e bancários, representa uma forma mais avançada de organização do capital que modifica as leis de movimento do capitalismo. A ampliação da escala das forças produtivas e o aumento das massas de capitais monetários que ficam sob o comando do capital financeiro implicam um salto de qualidade no poder destas frações de capital de mobilizar todos os meios imagináveis – econômicos e políticos - para potencializar o processo de valorização do capital. Ao diminuir radicalmente as barreiras temporais e espaciais à acumulação de capital, a elevação na mobilidade espacial do capital, o incremento na sua capacidade de mutação de forma, a intensificação do ritmo de rotação do capital fazem crescer exponencialmente a sua faculdade de comandar trabalho e disputar as oportunidades de negócio em escala mundial. A expansão do capital internacional, o aumento na liquidez do capital, a intensificação de sua fluidez intersetorial, a hipertrofia da órbita financeira e dos circuitos de valorização fictícia do capital são fenômenos associados à profunda redefinição da relação do capital com o espaço e com o tempo.

O aparecimento do capital financeiro provoca importantes mudanças no comportamento das classes sociais, gerando o substrato social e ideológico do capitalismo monopolista e de sua superestrutura imperialista.

Por um lado, a expansão e a centralização do capital financeiro dão origem a uma oligarquia financeira, com uma complexa rede de interesses internacionais, que prepondera sobre o conjunto dos capitalistas. A sua ramificação, na forma de “união pessoal”, pelas altas esferas da indústria, das finanças e do Estado, potencializa ainda mais seu poder econômico e político. O controle da economia, das finanças e dos assuntos do Estado transforma a luta pelo controle territorial da economia mundial e a violência como método de acumulação - o imperialismo - em razão de Estado. A necessária correspondência entre os interesses econômicos da oligarquia financeira e sua ideologia encontra-se na raiz das ideologias colonialistas e chauvinistas que caracterizam a etapa superior do capitalismo.<sup>25</sup> A impossibilidade de conciliar internacionalização de capital e autodeterminação dos povos, capitalismo e paz, é, portanto, uma determinação estrutural da hegemonia do capital financeiro. “Lo característico del

---

<sup>25</sup> No início do século XX, esta ideologia assumia cores particularmente fortes. “El signo de nuestro tiempo es el entusiasmo por las perspectivas del imperialismo, la defensa rabiosa del mismo, su embellecimiento por todos los medios. La ideología imperialista penetra incluso en el seno de la clase obrera, que no está separada de las demás clases por una muralla china”, Lenin, V.I., *El Imperialismo. In: Obras Escogidas*, v.1., p. 782.

imperialismo es precisamente la tendencia a la anexión no sólo de las regiones agrarias, sino incluso de las más industriales [...] pues, en primer lugar, la división ya terminada del globo obliga, al proceder a un nuevo reparto, a alargar la mano hacia toda clase de territorios; en segundo lugar, para el imperialismo es sustancial la rivalidad de varias grandes potencias en sus aspiraciones a la hegemonía, esto es, a apoderarse de territorios no tanto directamente para sí, como para debilitar al adversario y quebrantar su hegemonía [...].”<sup>26</sup>

Por outro lado, a emergência do capitalismo monopolista promove uma profunda diferenciação entre “las ‘capas superiores’ de los obreros y la ‘capa inferior, proletaria propiamente dicha’”, criando uma “aristocracia operária” que tende a se identificar com os valores da pequena burguesia.<sup>27</sup> A base real de existência desta aristocracia operária – os grandes monopólios – aproxima seus interesses corporativos imediatos da política do imperialismo. O “oportunismo” político que compromete a unidade da classe operária em torno de seus objetivos estratégicos de longo prazo surge, assim, como um fenômeno que se enraíza na realidade histórica. “La obtención de elevadas ganancias monopolistas por los capitalistas de unas tantas ramas de la industria, de uno o de tantos países, etc., les brinda la posibilidad económica de sobornar a ciertos sectores obreros, y, temporariamente, a una minoría bastante considerable de estos últimos, atrayéndolos al lado de la burguesía de dicha rama o de dicha nación, contra todos los demás. El acentuado antagonismo de las naciones imperialistas en torno al reparto del mundo ahonda esa tendencia”<sup>28</sup>.

A caracterização do imperialismo como superestrutura necessária do capitalismo monopolista, que tem sua base de sustentação social na hegemonia do capital financeiro e na emergência de uma aristocracia operária, decorre da lógica de conquista econômica e territorial que se impõe como padrão de relacionamento entre os cartéis internacionais e as potências capitalistas que disputam o controle da economia mundial. Em relação às formas de conquista e dominação de outras épocas, a especificidade do imperialismo moderno está associada às forças motrizes que o impulsionam, isto é, à forma que assume a disputa entre os cartéis internacionais e entre os Estados rentistas pelo controle das oportunidades de negócios no mundo. Citando Hobson, Lênin explicita a questão: “El nuevo imperialismo se distingue del viejo, primero en que, en vez de la aspiración de un solo imperio creciente, sostiene la teoría y la actuación práctica de imperios rivales, guiando-se cada uno de ellos por idénticos apetitos de expansión política y de beneficio comercial; segundo, en que los intereses financieros o relativos a la inversión del capital predominan sobre los comerciales”<sup>29</sup>.

O vínculo inexorável entre o aparecimento de uma oligarquia financeira e os processos econômicos e políticos que levam à formação de uma economia mundial, marcada por uma

<sup>26</sup> Lenin, V.I., *El Imperialismo, Ibid.*, p. 767.

<sup>27</sup> “Esa capa de obreros aburguesados o de ‘aristocracia obrera’, enteramente pequeño burgueses por su género de vida, por sus emolumentos y por toda su concepción del mundo, es el principal apoyo de la II Internacional, y, hoy día, el principal apoyo social (no militar) de la burguesía. Porque son verdaderos agentes de la burguesía en el seno del movimiento obrero, lugartenientes obreros de la clase de los capitalistas, verdaderos vehículos del reformismo y del chovinismo. En la guerra civil entre el proletariado y la burguesía se colocan inevitablemente, en número considerable, al lado de la burguesía, al lado de los “versalleses” contra los “comuneros”. Prologo a las ediciones francesa y alemana. *Ibid.*, p. 699.

<sup>28</sup> Lenin, V.I., *El Imperialismo, Ibid.*, p. 796.

<sup>29</sup> Lenin, V.I., *El Imperialismo, Ibid.*, p. 767.

complexa teia de relações de dependência e dominação, enfatiza os nexos entre uma multiplicidade de fenômenos que são típicos do capitalismo avançado: o processo de monopolização do capital financeiro; a geração de excedentes que transbordam a possibilidade de aplicação na economia nacional e dão lugar a um processo de exportação de capitais; a formação de cartéis internacionais que disputam o controle da economia mundial; o impacto desigual do desenvolvimento capitalista sobre as diferentes formações sociais; o envolvimento do Estado na disputa pelo controle dos territórios; a configuração de uma economia mundial extremamente assimétrica, composta de países desenvolvidos em ascensão e em decadência, bem como de países atrasados que são envolvidos nas teias do imperialismo e, de alguma maneira, combinam avanço das forças produtivas, expansão das relações de produção capitalistas e geração de relações de dependência externa. A conexão necessária entre capitalismo monopolista, rivalidades nacionais e o ressurgimento de novas formas de exploração e dominação das sociedades atrasadas foi sintetizada por Lênin nos seguintes termos: “El imperialismo es el capitalismo en la fase de desarrollo en que ha tomado cuerpo la dominación de los monopolios y del capital financiero, ha adquirido señalada importancia la exportación de capitales, ha empezado el reparto del mundo por los trusts internacionales y ha terminado el reparto de toda la tierra entre los países capitalistas más importantes”.<sup>30</sup>

O caráter específico que assume o imperialismo ao longo do tempo e a sua forma concreta de manifestação em cada formação econômica e social dependem do modo pelo qual se combinam as tendências à concentração e centralização de capitais com a lei do desenvolvimento desigual em cada conjuntura histórica. No entanto, qualquer que seja a estratégia que orienta a política do imperialismo – o controle dos mercados, o acesso privilegiado à força de trabalho, o monopólio sobre as fontes de matérias-primas, o açambarcamento das oportunidades de negócios, o domínio das vias de transporte e comunicação, o controle do território – e qualquer que seja a forma assumida da disputa pelo controle da economia mundial – econômica ou política, lícita ou ilícita, pacífica ou violenta -, a luta entre os grandes trusts internacionais impõe uma lógica de dominação que coloca o mundo sob permanente tensão. “Los capitalistas no se reparten el mundo llevados de una particular perversidad, sino porque el grado de concentración a que se ha llegado les obliga a seguir este camino para obtener beneficios y se lo reparten ‘según el capital’, ‘según la fuerza’; otro procedimiento de reparto es imposible en el sistema de la producción mercantil y del capitalismo. La fuerza varía a su vez en consonancia con el desarrollo económico y político. Para comprender lo que está aconteciendo hay que saber cuáles son los problemas que se solucionan con los cambios de la fuerza, pero saber si dichos cambios son ‘puramente’ económicos o extraeconómicos (por ejemplo, militares) es un asunto secundario que no puede hacer variar en nada la concepción fundamental sobre la época actual del capitalismo. Suplantar el contenido de la lucha y de las transacciones entre los grupos capitalistas por la forma de esta lucha y de las transacciones (hoy pacífica, mañana no pacífica, pasado mañana, otra vez no pacífica) significa descender hasta el papel de sofista”.<sup>31</sup>

A definição do imperialismo como regime de transição que prepara as bases objetivas do socialismo está determinada pela substituição do capitalismo baseado na livre concorrência pelo capitalismo fundado no monopólio. Lênin atribui a exacerbação das contradições do modo de produção capitalista à metamorfose da livre concorrência na sua antítese: o

<sup>30</sup> Lenin, V.I., *El Imperialismo, Ibid.*, p.765.

<sup>31</sup> Lenin, V.I., *El Imperialismo, Ibid.*, p. 753.

monopólio. A progressiva monopolização da produção aguça a contradição entre a crescente socialização das forças produtivas e a continuidade de um regime social baseado na apropriação privada dos meios de produção. O contraste entre o crescimento exponencial da produção social e o aumento da desigualdade na distribuição do excedente social exacerba os antagonismos sociais. O controle centralizado dos meios de produção pela oligarquia financeira, que cria as bases gerenciais para uma economia baseada no planejamento central, leva ao limite a irracionalidade na utilização dos recursos produtivos da sociedade. Tal irracionalidade é ainda reforçada pelo esvaziamento da capacidade do poder público de impor limites à atuação do capital financeiro. Por fim, a integração dos países atrasados na rede de dependência e dominação do capital financeiro acelera a penetração de relações de produção tipicamente capitalistas e estimula a expansão de suas forças produtivas, transformando em antagonismo insuperável a contradição entre a lógica de conquista do imperialismo e a aspiração de autodeterminação dos povos que fazem parte do elo fraco do sistema capitalista mundial. O imperialismo amadurece, assim, as condições que determinam a necessidade e a possibilidade do socialismo: “[...] las relaciones de economía y propiedad privada constituyen una envoltura que no corresponde ya al contenido, que esa envoltura debe inevitablemente descomponerse si se aplaza artificialmente su supresión, que puede permanecer en estado de decomposición durante un período relativamente largo (en el peor de los casos, si la curación del tumor oportunista se prolonga demasiado), pero que, con todo y con eso, será ineluctablemente suprimida”.<sup>32</sup>

Lênin atribui as tendências que levam o desenvolvimento do capitalismo monopolista a provocar a agonia do modo de produção capitalista ao caráter particularmente agressivo e predatório assumido pela lógica de acumulação do capital financeiro. As novas características do desenvolvimento capitalista - a crescente importância de formas parasitárias de acumulação, a inevitável eclosão de crises econômicas agudas e recorrentes, a desconexão radical entre o progresso subordinado à lógica dos lucros e as necessidades sociais da grande maioria da população, o aparecimento de Estados rentistas que exploram os países coloniais e neocoloniais, o caráter estrutural das rivalidades entre as grandes potências que disputam o controle da economia mundial - resultam, a seu ver, de um padrão de concorrência intercapitalista que combina as relações de dominação típicas dos monopólios com as relações mercantis típicas do capitalismo. Desse modo, Lênin vincula a exacerbação das taras do capital às formas de acumulação de capital que caracterizam o capitalismo monopolista, isto é, ao rentismo, à especulação financeira, comercial e imobiliária, à corrupção e a fraude, à gestão temerária dos negócios, à sabotagem dos concorrentes, às pressões espúrias sobre fornecedores, ao lucro extorsivo, à superexploração do trabalho nos países colônias e semicolônias, à guerra como negócio. “Las relaciones de dominación y la violencia ligada a dicha dominación: he ahí lo típico en la ‘fase contemporánea de desarrollo del capitalismo’, he ahí lo que inevitablemente tenía que derivarse y se ha derivado de la constitución de los todopoderosos monopolios económicos”, resume Lênin.<sup>33</sup>

Ao contrário dos teóricos marxistas que identificavam o fim do capitalismo com o seu desmoronamento econômico, provocado pela tendência decrescente da taxa de lucro, na teoria do imperialismo de Lênin a agonia do capitalismo não decorre de sua inviabilidade econômica, mas, paradoxalmente, exatamente de seu oposto: a impossibilidade de impor limites à

<sup>32</sup> Lenin, V.I., *El Imperialismo, Ibid.*, pp. 797-798.

<sup>33</sup> Lenin, V.I., *El Imperialismo, Ibid.*, p. 711.

reprodução ampliada do capital e atenuar seus efeitos perversos sobre a sociedade.<sup>34</sup> A degeneração do capitalismo é o resultado de seu desenvolvimento. A necessidade de sua superação é determinada por sua inviabilidade política. Os métodos violentos e predatórios do capital financeiro levam os antagonismos sociais a tal ponto que as tensões e os conflitos que daí decorrem tendem a comprometer as bases sociais e políticas de sustentação da sociedade burguesa. Nos países capitalistas desenvolvidos, a supremacia do capital financeiro vem acompanhada da deterioração das condições de vida da grande maioria da população. Nas regiões coloniais e semicoloniais, o imperialismo significa crescente exploração e opressão. “Los monopolios, la oligarquía, la tendencia a la dominación en vez de la tendencia a la libertad, la explotación de un número cada vez mayor de naciones pequeñas o débiles por un puñado de naciones riquísimas o muy fuertes: todo esto ha originado los rasgos distintivos del imperialismo que obligan a calificarlo de capitalismo parasitario o en estado de decomposición”.<sup>35</sup>

A avaliação de que os gravíssimos problemas do imperialismo têm raízes profundas, determinadas pelas leis de movimento do capitalismo monopolista, leva Lênin a descartar a viabilidade de “reformas” que possam atenuar os aspectos mais deletérios do imperialismo. A impossibilidade de voltar à livre concorrência e a inviabilidade de domar o imperialismo, tornando-o compatível com a democracia e a autodeterminação dos povos, alternativas românticas que alimentavam as esperanças das oposições pequeno-burguesas que procuravam uma solução por dentro da ordem estabelecida, deixavam como única saída a revolução socialista. Recorrendo a uma citação de Hilferding, Lênin conclui: “No incumbe al proletariado oponer a la política capitalista más progresiva la política pasada de la época del libre cambio y la actitud hostil frente al Estado. La respuesta del proletariado no puede ser actualmente la restauración de la libre competencia – que se ha convertido ahora en un ideal reaccionario –, sino únicamente la destrucción completa de la competencia mediante la supresión del capitalismo”.<sup>36</sup>

---

#### 4. O pensamento de Lênin em seu movimento concreto

Preocupado em transformar o materialismo histórico em força revolucionária viva, Lênin dedica-se ao estudo dos desafios da revolução russa. Forjadas no calor dos acontecimentos, como respostas aos desafios concretos da luta de classes, as suas idéias surgem e amadurecem como críticas às teses utópicas do movimento Narodnaya Volya – a principal força política de oposição ao Tzar - e à estratégia política etapista dos mencheviques – corrente que polarizava com os bolcheviques a liderança do movimento operário russo. Em relação aos populistas,

---

<sup>34</sup> Não há na teoria do imperialismo de Lênin qualquer vestígio de determinismo economicista que associa, de maneira abstrata e mecânica, o fim do capitalismo ao seu desmoronamento econômico, provocado pela tendência decrescente da taxa de lucro. Na sua visão, os diferentes setores, regiões e países que compõem a economia mundial sofrem de maneira diferenciada os impactos dinâmicos do capitalismo monopolista, alternando e combinando momentos de crise e estagnação com períodos de expansão e crescimento, conjunturas de decadência e letargia tecnológica com fases de intenso progresso e inovações revolucionárias.

<sup>35</sup> Lenin, V.I., *El Imperialismo*, *Op. cit.*, p. 795.

<sup>36</sup> Hilferding, R., *El Capital Financiero*. Madrid, Editorial Tecnos, 1963, p. 567, *apud* Lenin, V.I., *El Imperialismo*, *Op. cit.*, p. 785.

Lênin questiona a viabilidade histórica do projeto de transição para o socialismo baseado na comuna camponesa, de acordo com o qual caberia aos camponeses e pequenos agricultores um papel estratégico na revolução russa. No que diz respeito aos mencheviques, rejeita a tese de que a ausência de bases objetivas para um regime socialista colocava a aliança operária com as frações mais progressistas da burguesia como único meio de vencer as permanências do regime feudal. Quando postas em perspectiva histórica, suas formulações insistirão no papel fundamental da classe operária como dinamo da revolução russa, na necessidade de sua aliança estratégica com os camponeses pobres e, finalmente, após uma série de considerações, no desdobramento *sui generis* do processo revolucionário, o qual tende a encadear a revolução democrática com a revolução operária, vista como um momento decisivo da revolução socialista em escala internacional.

Coerente com a metodologia de “análise concreta de uma situação concreta”, a interpretação de Lênin sobre o caráter da revolução russa destaca-se pela formidável consistência dos nexos que ligam as diferentes dimensões da realidade. No amplo espectro das questões econômicas, sociais e políticas tratadas na sua vasta obra sobre os dilemas da revolução russa e os desafios da luta pelo socialismo, cabe destacar a originalidade de sua contribuição em pelo menos quatro direções: a teoria da revolução, a teoria do partido, a teoria do imperialismo e a teoria da transição. Resultado de um processo de reflexão permanente, a evolução de seu pensamento é marcada por momentos que se completam e se superam, cujos pontos culminantes podem ser sintetizados de maneira muito esquemática e sumária nas conclusões de seus trabalhos de maior envergadura.<sup>37</sup>

### **Teoria da revolução russa I – Desenvolvimento capitalista e as vias da revolução burguesa**

A visão de Lênin sobre a especificidade da formação econômica e social russa encontra-se sistematizada em *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*, publicado em 1886.<sup>38</sup> Baseado em farta documentação estatística, o livro põe em evidência que a fase final de transição do feudalismo para o capitalismo inaugurava uma época de grande turbulência, que colocava na ordem do dia a necessidade incontornável da revolução russa. O desajuste estrutural entre o acelerado desenvolvimento das forças produtivas, o expressivo avanço das relações de produção tipicamente capitalistas e a recalcitrante permanência de resquícios feudais deixavam

---

<sup>37</sup> A propósito do pensamento de Lênin convém lembrar a advertência de Gruppi sobre “[...] a impossibilidade de reduzir sua concepção (ou, mais exatamente, o desenvolvimento de sua concepção) a algumas obras, por mais importantes que sejam. Assim, para darmos um exemplo, não entenderemos sua concepção do imperialismo, em toda sua riqueza, se nos limitarmos ao famoso ensaio, embora seja o escrito mais importante sobre o assunto, e se não considerarmos as análises desenvolvidas em outros textos sobre o capitalismo monopolista de Estado. Do mesmo modo, não entenderemos sua concepção de Estado se nos limitarmos – ainda que esse se trate de um texto fundamental – a *O Estado e a Revolução*. Se nos referirmos só a algumas obras, corremos o risco de incidir em graves equívocos, em perigosas simplificações do seu pensamento”. Gruppi, L., *O Pensamento de Lênin*, p. 300.

<sup>38</sup> Sobre a interpretação de Lênin a respeito da definição das estruturas econômicas e sociais da Rússia e seus efeitos sobre a dinâmica da revolução, ver também: “Quem são os amigos do povo”; “A que herança renunciamos”; e “Das tácticas de la socialdemocrácia”. Lênin, V.I. *Obras Escogidas en 3 tomos*. Moscou, Editorial Progreso, 1961. A Introdução de José Paulo Netto à edição brasileira de *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*, é uma excelente apresentação da idéias de Lênin sobre o tema. (Lênin, V.I., *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*. São Paulo. Abril Cultural, 1982).

patente a necessidade histórica de mudanças profundas em todas as dimensões da sociedade. Na avaliação de Lênin, o conteúdo econômico e social da revolução – eliminar a servidão e sepultar o regime czarista - conferia-lhe um caráter inequivocamente burguês.

A irreversibilidade das transformações sociais provocadas pelo desenvolvimento do capitalismo afastava qualquer possibilidade de uma superação do regime servil pela realização de um idealizado socialismo camponês – a utopia que alimentava a ideologia dos populistas. Em seu estudo, Lênin mostra que não havia como evitar as dores do capitalismo. A figura mítica do camponês que deveria protagonizar o socialismo agrário russo simplesmente não existia. Era uma ficção ideológica que obliterava a percepção da vigorosa diferenciação interna por que passava o campesinato russo. As mudanças na composição social do campo estavam marcadas pela crescente presença do capital na agricultura russa. O impacto desagregador do desenvolvimento capitalista sobre as relações de produção no campo provocava transformações que desfiguravam completamente a antiga comuna primitiva. A transição no mundo agrário fazia emergir camponeses ricos – embrião de uma verdadeira burguesia agrária -, camponeses empobrecidos que não tinham alternativa senão vender sua força de trabalho – base de um proletariado rural - e pequenos e médios produtores – uma autêntica pequena burguesia –, cuja evolução social e política era indeterminada, podendo pender para qualquer um dos pólos que redefiniam o perfil social do campo. Pela importância da caracterização da revolução russa como uma revolução burguesa no desdobramento posterior de seu pensamento, é interessante registrar a categórica conclusão de sua investigação: “Partiendo de esta base económica, se comprende que la revolución en Rusia es, inevitablemente, una revolución burguesa. Esta tesis marxista es absolutamente irrefutable. No se la debe olvidar jamás. Siempre hay que aplicarla al análisis de todas las cuestiones económicas y políticas de la revolución rusa. [...] El análisis concreto de la situación y de los intereses de las diversas clases debe servir para determinar el significado exacto de esta máxima al ser aplicada a tal o cual cuestión. Mientras que el método inverso de razonar, [...], es decir, la aspiración de hallar respuestas a las cuestiones concretas en el simple desarrollo lógico de la máxima general sobre el carácter fundamental de nuestra revolución es un envilecimiento del marxismo y una mera burla del materialismo dialéctico”.<sup>39</sup>

Na ausência de bases objetivas e subjetivas para a implantação do socialismo, as condições concretas da luta de classes polarizavam a Rússia entre duas vias para a revolução burguesa: a via “prussiana” - caracterizada pela acomodação das exigências da burguesia ascendente com os interesses remanescentes do regime servil; e a via democrática - caracterizada por um ajuste de contas radical entre o novo e o velho. O que entrava em questão era o risco de a revolução burguesa transcender os interesses estritos do capital e combinar capitalismo e democracia. A disputa sobre as vias da revolução burguesa traduzia-se na luta pela definição da classe social que assumiria a sua direção política. Nas condições específicas da sociedade russa, as tendências da luta de classes apresentavam características inusitadas e aparentemente paradoxais, que levavam a revolução a assumir formas originais. Temerosa de que as transformações sociais pudessem fugir de controle e ganhar uma dinâmica perigosa, a burguesia afastava-se do radicalismo dos pequenos camponeses e dos operários, alinhando-se com a reação. A composição com a nobreza comprometia seu “espírito revolucionário”, forçando-a a negar o conteúdo democrático da revolução. Sem projeto histórico, a massa

---

<sup>39</sup> Lênin, V.I., Prefácio à segunda edição de *El Desarrollo del Capitalismo en Rusia*. Moscou, Editora Progreso, 1979, p. 15.

camponesa, a maior vítima do regime czarista, não conseguia traduzir em alternativas políticas concretas o seu estado de revolta permanente - que não raro eclodia na forma de levantes armados violentos. Sem apontarem soluções para os problemas da sociedade, o pequeno produtor agrícola e os trabalhadores rurais oscilavam entre o conservadorismo reacionário, que os aproximava da burguesia, e o radicalismo revolucionário, que os fazia pender em direção aos operários. Neste complexo contexto histórico, o proletariado surgia como a única força social que poderia levar a revolução democrática às últimas conseqüências. Sua debilidade numérica e sua concentração nas regiões urbanas mais industrializadas geravam, no entanto, uma correlação de forças que obrigava a classe operária a buscar alianças políticas com os camponeses pobres. A luta de classes polarizava-se, assim, entre a revolução, liderada pelos operários com o apoio dos camponeses pobres, e a contra-revolução, comandada pela burguesia em associação com as forças decadentes do antigo regime.

A necessidade de uma aliança entre operários e camponeses como condição indispensável para evitar uma solução reacionária para a revolução burguesa transformava a questão agrária no elemento decisivo da revolução russa.<sup>40</sup> Consciente das diferenças estratégicas entre o proletariado - antípoda do capital - e o camponês - um pequeno-burguês -, Lênin insiste na necessidade de que a composição com os camponeses pobres tivesse como base programática “a supressão dos restos do regime feudal” e “o livre desenvolvimento da luta de classes no campo” - único meio de levar a conquista da liberdade política e econômica às últimas conseqüências. A primeira condição contrapunha a revolução aos interesses dos senhores feudais; a segunda, aos da burguesia. Esta última era fundamental para que a aliança com os camponeses não ficasse circunscrita ao horizonte burguês, comprometendo a luta pelo socialismo.

É com base nessa avaliação concreta sobre a especificidade da realidade Russa que Lênin chega à conclusão de que a revolução colocava na ordem do dia a necessidade de uma ditadura democrática operária e camponesa para levar a revolução burguesa às suas últimas conseqüências e, assim, criar as condições que favoreceriam uma aceleração da transição do capitalismo para o socialismo. Até abril de 1917, Lênin pensaria a revolução russa como uma revolução essencialmente burguesa e a vitória da via democrática como o estopim da revolução socialista na Europa, a qual, por sua vez, criaria condições objetivas mais favoráveis para impedir uma restauração do antigo sistema. A aceleração do desenvolvimento capitalista daí decorrente criaria as condições objetivas para se avançar em direção ao socialismo. “No podemos saltar del marco democrático-burgués de la revolución rusa,” - explica Lênin - “pero podemos ensanchar en proporciones colosales dicho marco, podemos y debemos en los limites del mismo, luchar por los intereses del proletariado, por la satisfacción de sus necesidades inmediatas y por las condiciones de preparación de su fuerza para la victoria completa futura”.<sup>41</sup>

### **Os fundamentos teóricos do partido bolchevique**

<sup>40</sup> Sobre o pensamento de Lênin sobre a questão agrária, ver: Lenin, V.I., *La Alianza de La Clase Obrera y del Campesinato*. Moscou, Ediciones de Lengua Extranjeras, 1957; e Linhart, R., *Lénine, Les Paysans, Taylor*. Paris. Éditions du Seuil, 1976.

<sup>41</sup> Lênin, V.I., “Dos Tácticas”, in *Obras Escogidas*, V.1, *Op. cit.*, p. 509. Para um maior aprofundamento da visão de Lênin sobre o dilema da revolução burguesa na Rússia, ver *Informe sobre la Revolución de 1905. In: Obras Escogidas*, v.1.



A avaliação de que as condições objetivas da revolução russa haviam amadurecido e a convicção de que a burguesia não poderia levá-la às últimas conseqüências colocavam na ordem do dia a necessidade de uma organização política da classe operária independente da burguesia. A urgência de um partido de “novo tipo”, com a missão histórica de organizar e levar a cabo a revolução, tornava indispensável a superação do caráter espontâneo do movimento operário – único meio de a classe operária intervir ativamente na vida política.

As condições particularmente adversas da luta de classes, marcada pela natureza autocrática do regime czarista e pelo elevado grau de desorganização e desorientação do movimento revolucionário, influenciaram de maneira decisiva a visão de Lênin sobre a natureza do partido. A presença de um circuito político estreito e opressivo, que funcionava como uma contra-revolução permanente, bloqueava a possibilidade de um encadeamento gradual e progressivo entre reforma e revolução, fazendo com que o movimento revolucionário transitasse de maneira abrupta do fluxo para o refluxo e vice-versa, o que criava enormes dificuldades para que a classe operária saísse da estaca zero e acumulasse força para enfrentar os duros desafios da revolução com alguma chance de vitória.<sup>42</sup>

Para fazer frente a essa situação, impunha-se a presença de um partido de “novo tipo” - uma organização integralmente subordinada aos imperativos da revolução, preparada para, na hora da verdade, quando a crise revolucionária abrisse possibilidades, liderar o proletariado na luta contra o antigo regime. Para evitar que as oportunidades abertas pela crise revolucionária fossem desperdiçadas, levando a soluções contra-revolucionárias que significavam uma regressão histórica, seria necessária a constituição de um partido capaz de transformar a insurreição espontânea das massas em energia revolucionária e de lhe dar um conteúdo criativo. O partido tinha de estar preparado para tudo. Nos momentos adversos, não poderia deixar-se esmagar; nos momentos decisivos, não deveria deixar-se surpreender pelos imprevistos da revolução. Para liderar a revolução, a organização estava obrigada a agir com determinação implacável, canalizando a violência revolucionária das massas em direção à conquista do poder.<sup>43</sup> Para alcançar tal desiderato, seria indispensável uma relação de verdadeira fusão entre o partido e a classe operária. A visão de Lênin da organização revolucionária como um “exército organizado”, à altura de uma guerra de manobra, que tem por finalidade a tomada do poder, foi sintetizada nos seguintes termos: “[a organização revolucionária] [...] ocupa-se de uma agitação política intensificada e multiforme, isto é, de um trabalho que tende, justamente, a *aproximar e fundir em um todo* a força destrutiva espontânea da multidão e a força destrutiva consciente das organizações revolucionárias”.<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> Florestan Fernandes resumiu o desafio de Lênin com as seguintes palavras: “[...] a teoria revolucionária de Lênin caracteriza-se por adaptar o marxismo às condições concretas da contra-revolução institucionalizada e às implicações da eclosão do imperialismo para o seu fortalecimento, dinamização e internacionalização”. Fernandes, F., *Em Busca do Socialismo*, Xamã, São Paulo, 1995, p.99.

<sup>43</sup> “Nous devons vouloir nous battre et nous devons savoir comment on se bat. Les mots ne suffisent pas”. Citação mencionada por Liebman, Marcel. *Le Léninisme sous Lénine*, Paris, Éditions du Seuil, 1973, p. 135. “Les attermoiements, les discussions, les tergiversations, l’hésitation sont la mort d’une insurrection. Le premier devoir du révolutionnaire est de faire preuve du maximum de résolution et d’énergie, de sauter sur toute occasion opportune d’attiser sur-le-champ les passions révolutionnaires de la foule [...]”. *Ibid*, vol. 1, p. 123.

<sup>44</sup> Lênin, V. I., *Que Fazer?*, *Op. cit.*, p. 135. [Obras Escogidas, v.1., p.263]

A concepção sobre a estrutura e o modo de funcionamento do partido leninista encontra seus contornos fundamentais em seu célebre ensaio popular *O Que Fazer?*, escrito em 1902, como subsídio ao 2o. Congresso do Partido Operário Socialdemocrata Russo – o POSDR.<sup>45</sup> A necessidade de assegurar uma rigorosa relação de adequação entre meios e fins leva Lênin a pensar a estrutura interna e o modo de funcionamento do partido em função das exigências colocadas pelas tarefas revolucionárias. Concebido como um dispositivo estratégico da classe operária, com o objetivo precípua de dirigir a revolta operária para a realização da revolução, o partido é pensado como um instrumento político que tem a tarefa de organizar e educar o proletariado na arte da luta de classes, elevando sua consciência de classe e sua combatividade revolucionária.

Dentro dessa perspectiva, a filosofia que inspira os intelectuais do partido – **o marxismo revolucionário** -, o programa que norteia a organização revolucionária e que unifica seus membros – **a teoria revolucionária** -, a natureza da relação do partido com a classe operária – **a organização revolucionária como a vanguarda da classe** -, o preceito que rege a política de arregimentação dos membros do partido – a seleção de **quadros dispostos a dedicar sua vida à causa da revolução** -, o caráter das estruturas partidárias – **uma face legal e outra clandestina** - e os princípios que regulam o modo de funcionamento do partido – **o centralismo democrático** baseado na liberdade de discussão e na unidade de ação - constituem um todo inextrincável que caracteriza a inovação revolucionária do partido que comandou a Revolução de Outubro.

A necessidade de um instrumento político flexível, ajustado às contingências da luta de classes em cada momento específico, fez com que o problema da organização acompanhasse Lênin por toda a vida. Ainda que a forma específica de conceber a relação entre o partido e a classe, bem como o funcionamento interno da organização, não tenha ficado imune às pressões conjunturais da luta de classes, passando por significativas alterações ao longo do tempo, a idéia da organização revolucionária como um **partido da classe**, um **partido de vanguarda** e um **partido de luta** – o tripé que caracteriza o partido de novo tipo – permaneceu incólume, pois Lênin nunca abandonou a convicção de que a revolução exige uma teoria revolucionária e de que ela somente se funde com o movimento revolucionário na presença de uma organização que viabilize as necessárias mediações dialéticas entre o estado maior revolucionário e sua base de revolucionários profissionais; o partido e a vanguarda da classe

---

<sup>45</sup> Sobre o problema da organização revolucionária em Lênin, ver também: *Tareas Urgentes de Nuestro Movimiento; Un Paso Adelante, Dos pasos Atras e Sobre la Reorganización del Partido*, in: Obras Escogidas, v.1; Quem estiver interessado numa análise do livro *Que Fazer?* pode consultar as introduções de Atilio Boron e Florestan Fernandes: Boron, A., “Actualidad del ¿Qué Hacer?”. In: Lenin, V.I., *¿Qué Hacer?*. Buenos Aires. Ediciones Luxemburg. 2004; “Apresentação”. In: Lênin, V.I., *Que Fazer?*. São Paulo. Hucitec, 1979. Os que quiserem aprofundar seus conhecimentos sobre a problemática da organização em Lênin, ver: Liebman, M., *Le Léninisme sous Lénine*, 2v. Paris, Éditions du Seuil, 1973; Cerroni, U.; Magri, L. Johnstone, M., *Teoria Marxista del Partido Político*. Cordoba, Cuadernos Pasado y Presente, 1971; e Arismendi, R., *Lenin, La Revolución y America Latina*. Montevideo, Ediciones Pueblos Unidos, 1970.

operária; a vanguarda da classe e o conjunto do proletariado; a classe operária e a massa.<sup>46</sup> Em *Que Fazer?*, sua visão foi sintetizada nos seguintes termos: “Não há revolução sem teoria revolucionária, não há revolução sem partido que encarne a teoria no movimento das massas, dirija as massas, organize-as, elabore uma estratégia e conduza uma tática”.<sup>47</sup> Anos mais tarde, às vésperas da revolução de outubro, Lênin voltou ao tema da importância estratégica do partido. No seu dizer: “Educando o partido operário, o marxismo forma a vanguarda do proletariado, capaz de tomar o poder e de conduzir todo o povo ao socialismo, capaz de dirigir e de organizar um novo regime, de ser o instrutor, o chefe e o guia de todos os trabalhadores, de todos os explorados, para a criação de uma sociedade sem burguesia, e isto contra a burguesia”.<sup>48</sup>

## Teoria da revolução russa II – Imperialismo x Socialismo

A fim de entender o impacto do imperialismo sobre a revolução russa, Lênin recorre ao arsenal de sua teoria do imperialismo para definir as tendências que polarizavam a luta de classes na Europa na segunda década do século XX.<sup>49</sup> O nó de sua interpretação gira em torno da compreensão do conteúdo, das causas e das consequências da “guerra”. A sua originalidade consiste em relacionar a guerra imperialista à “aceleração da marcha da história”. A argumentação enfatiza a relação dialética entre capitalismo monopolista, guerra imperialista e crise revolucionária. O raciocínio desdobra-se mostrando que a emergência de uma conjuntura histórica ímpar polarizava a luta de classes entre revolução e contra-revolução em escala global, colocando o mundo na ante-sala da revolução social. Sua visão da conjuntura destaca os seguintes aspectos:

\* As guerras que contrapunham as potências capitalistas mundiais, que assumiam a aparência de guerras nacionais, eram, na realidade, guerras de conquista - guerras imperialistas. Não passavam de guerras de pilhagem e dominação, cuja essência estava associada a uma segunda divisão do mundo pelo capital financeiro que emergia do processo de concentração e centralização do capital no século XIX. “Anexionar tierras y sojuzgar naciones extranjeras, arruinar a la nación competidora, saquear sus riquezas, desviar la atención de las masas trabajadoras de las crisis políticas internas de Rusia, Alemania, Inglaterra y demás países, desunir y embaucar a los obreros con la propaganda nacionalista y exterminar su vanguardia a fin de debilitar el movimiento revolucionario del proletariado” – escreve Lênin explicando o

<sup>46</sup> Faz parte da concepção de partido de Lênin a flexibilidade de sua organização às contingências da luta política. Sobre este problema, Lukács cita a seguinte passagem de Lênin: “Não podemos separar mecanicamente a política do aspecto organizacional. É o que explica que qualquer dogmatismo na teoria e qualquer petrificação na organização sejam fatais ao partido”. Isto porque, como diz Lênine, “cada nova forma de luta, ligada a novos riscos e a novos sacrifícios, desorganiza inevitavelmente as organizações que não estão preparadas para esta nova forma de combate”. Lukács, G., *Op. cit.*, p. 49.

<sup>47</sup> Lênin, V.I., [apud, Gruppi, L., *O Conceito de Hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro. Graal. 1980, p. 38].

<sup>48</sup> Lênin, V.I., *O Estado e a Revolução*, p. 31. [Obras Escogidas, v.2., p. 322].

<sup>49</sup> A reflexão de Lênin sobre o imperialismo abrange um amplo espectro de problemas sociais e políticos que não podem ser reduzidos à questão econômica. A propósito, consultar, entre outros, “La Guerra y la Socialdemocracia de Rusia”, setembro de 1914; e “El Orgulho Nacional de los Rusos”, dec. 1914 in *Obras Escogidas, V.1*. Para contextualizar o debate sobre o imperialismo da época de Lênin, a importância de sua contribuição, o desdobramento feito pelos seus discípulos e sua atualidade, ver o excelente trabalho de Tom Kemp, *Theories of Imperialism*. London. Dennis Dobson. 1967.

caráter da I Guerra Mundial – “he ahí el único contenido real, el significado y el sentido de la guerra presente”.<sup>50</sup>

\* Os conflitos bélicos que mobilizavam a política mundial não deveriam ser vistos como um problema fortuito, derivado de idiossincrasias nacionalistas e caprichos ideológicos, mas como uma necessidade intrínseca ao imperialismo. A guerra imperialista obedecia ao interesse estratégico do capital financeiro em ampliar seu domínio sobre todos os cantos do planeta. A passagem do capitalismo competitivo ao capitalismo monopolista transformava a qualidade do padrão da concorrência intercapitalista, impondo uma lógica de conquista, altamente agressiva e predatória, como forma de luta dos grandes trusts internacionais pelo controle do mercado mundial, das fontes de matérias-primas e dos espaços econômicos mundiais. Transformados em razão de Estado, imperialismo e chauvinismo andavam de mãos dadas, compondo a superestrutura do capitalismo monopolista. “Basta formular claramente la pregunta” – afirma Lênin contestando Kautsky sobre a possibilidade de um capitalismo pacífico baseado no ultra-imperialismo – “para que sea imposible darle una respuesta que no sea negativa, pues bajo el capitalismo no se concibe otro fundamento para el reparto de las esferas de influencia, de los intereses, de las colonias, etc., que la fuerza de quienes participan en el reparto, la fuerza económica general, financiera, militar, etc. Y la fuerza de los que participan en el reparto no se modifica de un modo idéntico, ya que bajo el capitalismo es imposible el desarrollo *armónico* de las distintas empresas, trusts, ramas industriales y países. Hace medio siglo, Alemania era una absoluta insignificancia comparando su fuerza capitalista con la de Inglaterra de aquel entonces; lo mismo se puede decir del Japón si se le compara con Rusia. ¿Es “concebible” que dentro de unos diez o veinte años permanezca invariable la correlación de fuerzas entre las potencias imperialistas? Es absolutamente inconcebible”.<sup>51</sup>

\* A guerra imperialista acirrava todas as contradições do capitalismo, amadurecendo a possibilidade e a necessidade de sua superação. Por um lado, o esforço bélico transformava o capitalismo monopolista em capitalismo monopolista de Estado, intensificando a discrepância entre o elevado grau de socialização das forças produtivas e a apropriação privada dos meios de produção. A criação de poderosos mecanismos de controle sobre a economia – uma necessidade dos tempos de guerra – acelerava a formação das condições objetivas para a transição socialista. Por outro lado, o horror sem fim gerado pela guerra imperialista precipitava o mundo numa era de grande instabilidade e turbulência, que poderiam redundar em “crises revolucionárias” em escala mundial, criando as condições subjetivas para a superação do imperialismo, seja pela eclosão da revolução socialista nos países capitalistas mais avançados, seja pelo aparecimento de movimentos de libertação nacional na periferia do sistema capitalista mundial, seja pela fusão de ambos. “Decenas de millones de cadáveres y de mutilados, víctimas de la guerra – esa guerra que se hizo para decidir qué grupo de bandoleros financieros, el inglés o el alemán, había de recibir la mayor parte del botín -, y encima estos dos

---

<sup>50</sup> Lênin, V. I. *La Guerra y la Socialdemocracia de Rusia*. In: *Obras Escogidas*, op. cit., V.1, p. 673.

<sup>51</sup> Lênin, *O Imperialismo*. In *Obras Escogidas*, op. cit., Vol. 1, p. 791. “No hay ni puede haber otro medio que la guerra para comprobar la verdadera potencia de un Estado capitalista. La guerra no está en contradicción con los fundamentos de la propiedad privada, sino que es el desarrollo directo y inevitable de tales fundamentos. Bajo el capitalismo es imposible un proceso uniforme de desarrollo económico de las distintas economías y de los distintos Estados. Bajo el capitalismo, para restablecer de cuando en cuando el equilibrio alternado, no hay otro medio posible más que las crisis de la industria y la guerra en la política”, Lênin, V.I., “El Orgulho Nacional de los Rusos”, idem, vol.1, p.686.

‘tratados de paz’ hacen abrir, con una rapidez desconocida hasta ahora, los ojos a millones y decenas de millones de hombres atemorizados, oprimidos, embaucados y engañados por la burguesía. A consecuencia de la ruina mundial, producto de la guerra, cresce, pues, la crisis revolucionaria mundial, que, por largas y duras que sean las vicisitudes que atraviere, no podrá terminar sino con la revolución proletaria y su victoria”.<sup>52</sup>

\* A “crise revolucionária” criava as condições para a intervenção criadora da classe operária e dos povos oprimidos na História. Ao intensificar os conflitos nacionais e exacerbar os antagonismos sociais, a guerra imperialista estimulava a tomada de consciência dos trabalhadores sobre o real significado do conflito. O salto no grau de consciência sobre a natureza do imperialismo criava as condições subjetivas para uma mudança de qualidade na luta de classes. Comentando a visão de Lênin, Lukács explica seu raciocínio: “A guerra é, segundo a definição de Clausewitz, apenas a continuação da política; mas é-o efetivamente a todos os respeito. Quer dizer que a guerra significa, não apenas para a política externa de um Estado, que a linha seguida até aí pelo país em tempo de ‘paz’ é levada às suas últimas conseqüências, mas também que a guerra exacerba ao mais alto ponto, na diferenciação de classes de um país (ou de todo o mundo), as tendências que, já em tempo de “paz”, se manifestaram ativamente no seio da sociedade. A guerra não cria, portanto, uma situação absolutamente nova, nem para um país, nem para uma classe no interior de uma nação. O seu contributo novo consiste simplesmente em transformar qualitativamente a intensificação quantitativa extraordinária de todos os problemas e, é nisso, e unicamente por isso, que ela cria uma situação nova”.<sup>53</sup>

\* Condenados a ir à guerra, aos camponeses e aos operários somente lhes restava decidir a favor de quem lutariam. Podiam entrar na trincheira para servir de bucha de canhão das oligarquias financeiras ou transformar a guerra imperialista em guerra civil, voltando suas armas contra a burguesia e dando início à revolução socialista internacional. É esta conjuntura que levou Lênin a defender a guerra civil como antídoto da guerra imperialista. “Desde el punto de vista teórico sería totalmente erróneo olvidar que toda guerra no es más que la continuación de la política por otros medios. La actual guerra imperialista es la continuación de la política imperialista de dos grupos de grandes potencias, y esa política es originada y nutrida por el conjunto de las relaciones de la época imperialista. Pero esta misma época ha de originar y nutrir también, inevitablemente, la política de lucha contra la opresión nacional y de lucha del proletariado contra la burguesía, y por ello mismo, la posibilidad y la inevitabilidad, en primer lugar, de las insurrecciones y de las guerras nacionales revolucionarias, en segundo lugar, de las guerras y de las insurrecciones del proletariado contra la burguesía, en tercer lugar, de la fusión de los dos tipos de guerras revolucionárias, etc.”.<sup>54</sup>

<sup>52</sup> Lênin, V.I., *O Imperialismo*. Idem, v.1., p. 697. Lênin considerava que a vitória da revolução russa abria novas perspectivas para os povos atrasados. “A fase capitalista da economia nacional é inevitável para os povos que hoje se emancipam. [...] Se o proletariado vitorioso desenvolver entre esses povos uma propaganda metódica, e se os governos soviéticos forem em seu auxílio com todos os meios de que dispõem, é errado supor que a fase capitalista de desenvolvimento seja inevitável para tais povos”, Lênin, V.I., *Obras Completas*, v.31, p.232. [Apud, Gruppi, L., *O Pensamento de Lênin*, p. 279].

<sup>53</sup> Lukács, G., *O pensamento de Lênin. Op. cit.*, p. 71.

<sup>54</sup> Lênin, V.I., *El Programa Militar de la Revolución Proletária*. In *Obras Escogidas*, vol.1, p. 801-802.

\* A constatação de que havia um grande descompasso entre os condicionantes econômicos e políticos da luta de classes, descompasso evidenciado na elevada combatividade do incipiente operariado em países capitalistas atrasados (como a Rússia) e na surpreendente acomodação dos trabalhadores das economias capitalistas mais avançadas (como a Inglaterra), abria a possibilidade de que a transição socialista fosse iniciada pela classe operária das sociedades que compunham o elo fraco do sistema capitalista. Em aberta contradição com a tese consagrada pela 2ª. Internacional de que a superação do capitalismo estaria sobredeterminada pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas, Lênin ressalta que os mesmos processos que limitavam o espírito revolucionário da burguesia – a internacionalização da concorrência e da luta de classes sob a égide do capital financeiro – ampliavam exponencialmente o potencial revolucionário do proletariado nas formações econômicas e sociais atrasadas. À falta de horizonte de burguesias contra-revolucionárias, que condenava a grande maioria da população mundial à guerra imperialista, é contraposta a eventualidade de saltos históricos que permitiriam à revolução operária queimar etapas e dar início à transição socialista, salvando o mundo da barbárie. O elemento determinante que possibilita a ruptura radical com o capitalismo desloca-se para as condições concretas da luta de classes.<sup>55</sup> A transição para o socialismo surge como necessidade prática do proletariado para evitar o pior – a barbárie da guerra imperialista que colocava o mundo à beira do caos. Escrevendo pouco antes da insurreição de outubro, Lênin colocou a questão nos seguintes termos: “Los malladados marxistas al servicio de la burguesía [...] no comprenden (si se considera las bases teóricas de su concepción) lo que es el imperialismo, lo que son los monopolios capitalistas, lo que es el Estado, lo que es la democracia revolucionaria. Pues, si se comprende todo eso, no puede dejar de reconocerse que es imposible avanzar sin marchar hacia el socialismo”.<sup>56</sup> Pouco depois, ele insiste: “La guerra ha provocado una crisis tan inmensa, ha tensado tanto las fuerzas materiales y morales del pueblo y ha asestado tales golpes a toda la organización de la sociedad moderna, que la humanidad se ve colocada ante un dilema: perecer o poner su destino en manos de la clase más revolucionaria, a fin de pasar con la mayor rapidez y decisión a un modo de producción más elevado”.<sup>57</sup>

A percepção de que a guerra imperialista envolvia a revolução russa num contexto de luta de classes mais amplo, que estreitava a relação entre as lutas operárias nacionais e o movimento operário internacional, teve um profundo impacto no modo de Lênin conceber os condicionantes e as implicações da revolução russa. A relação dialética entre guerra imperialista, revolução russa, movimentos de libertação nacional e revolução socialista internacional criava uma situação nova que exigia uma visão mais ampla dos fatores que

---

<sup>55</sup> “Mudava assim, e pela base, a relação entre as partes singulares da teoria marxista da revolução. A argumentação nela contida relativa à maturidade das condições econômico-sociais perdia em parte o valor tido anteriormente; punham-se em primeiro plano os fatores relativos à constelação imediata e concreta de forças políticas e sociais que devia possibilitar a mudança de governo, a conquista do poder pelo partido socialista. A revolução tornava-se possível na maioria dos países do mundo, não somente nos países maduros do capitalismo, mas também – ainda que numa certa perspectiva – nos países atrasados, sempre que nestes já existisse ou viesse a surgir um movimento socialista suficientemente forte e organizado, capaz de participar da vida política de maneira autônoma”. Michael Reiman, *Os Bolcheviques desde a guerra mundial até Outubro*, in: Hobsbawm, E.J., *História do Marxismo*, Vol. 5, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1985, p. 93.

<sup>56</sup> Lênin, V.I., *La Catástrofe que nos Amenaza y como Combatirla*. In *Obras Escogidas*, V.2., p. 282.

<sup>57</sup> Lênin, V.I., *Ibid*, p. 288.

influenciavam a luta de classes.<sup>58</sup> O efeito catalisador que a guerra exercia sobre a revolução russa, o papel estratégico da revolução russa como estopim da revolução mundial e a importância crucial da revolução mundial para a sobrevivência da revolução russa ligavam indissolavelmente o destino da classe operária russa à vitória da revolução internacional. Comentando a importância da nova síntese teórica de Lênin para a avaliação da revolução russa, Jean-Marc Piotte conclui: “Auparavant, ses analyses, tout en se référant à l’argumentation classique sur le caractère international du capital, étaient axées sur la conjoncture russe. [...] Nous assistons à une modification extrêmement importante de la pensée de Lénine: l’analyse de la conjoncture internationale vient encadrer et délimiter celle qui porte sur la conjoncture russe”.<sup>59</sup>

A possibilidade de uma ruptura com o imperialismo pelo elo fraco do sistema não significa, no entanto, que os constrangimentos objetivos deixem de atuar sobre o campo de oportunidades que delimita as alternativas históricas de cada formação econômica e social. Na visão de Lênin, o raio de manobra de cada formação econômica e social depende da forma particular pela qual se combinam todos os processos que atuam sobre a realidade histórica: **os condicionantes subjetivos**, determinados pelas forças motrizes que impulsionam a revolução em direção ao socialismo (o que depende da aliança política do proletariado com outras classes sociais); **as restrições objetivas ao avanço para o socialismo**, determinadas pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas; e **as potencialidades revolucionárias abertas pela participação da sociedade nacional no contexto civilizador mais geral**. A sorte da revolução socialista que eclode nos países atrasados vincula-se, assim, ao destino da revolução socialista internacional. É a avaliação do alto poder de propagação da revolução socialista – baseada na experiência concreta das revoluções operárias na Europa – que leva Lênin a apostar na iminência da revolução mundial – o pressuposto histórico da possibilidade do socialismo nos países atrasados. Novamente, é a guerra que funciona como nexos que conecta concretamente a luta proletária das várias nações. Ao provocar vínculos inextrincáveis entre a política interna e a política externa, a guerra imperialista desencadeia a guerra civil, abrindo caminho para a revolução internacional e a guerra revolucionária. Nas suas palavras: “[...] el socialismo triunfante en un país no excluye en modo alguno, de golpe, todas las guerras en general. Al contrario, las presupone. El desarrollo del capitalismo sigue un curso extraordinariamente desigual en los diversos países. De otro modo no puede ser bajo el régimen de la producción mercantil. De aquí la conclusión irrefutable de que el socialismo no puede triunfar simultáneamente *en todos* los países. Empezará triunfando en uno o en varios países, y los demás seguirán siendo, durante algún tiempo, países burgueses o preburgueses. Esto no sólo habrá de provocar rozamientos, sino incluso la tendencia directa de la burguesía de los demás países a aplastar al proletariado triunfante del Estado socialista. En tales casos, la guerra sería, de nuestra parte, una guerra legítima y justa. Sería una guerra por el socialismo, por liberar de la burguesía a los otros pueblos. Engels tenía completa razón cuando, [...] , reconocía inequívocamente la posibilidad de ‘guerras defensivas’ del socialismo ya triunfante.

---

<sup>58</sup> A visão de Lênin sobre o problema da autodeterminação das nações pode ser vista em seus artigos: *Sobre el Derecho de las Naciones a la Autodeterminación*, in: Obras Escogidas, v.1; *El Orgullo Nacional de los Rusos*. In: Obras Escogidas, v.1; e *Contribución al Problema de las Naciones o sobre la “Autonomización”*. In: Obras Escogidas, v.3.

<sup>59</sup> Jean-Marc Piotte, *Sur Lénine*, 1972, p. 119.

Se refería precisamente a la defensa del proletariado triunfante contra la burguesía de los demás países”.<sup>60</sup>

A nova conjuntura exigia que a análise da correlação de forças e a definição do caráter da revolução fossem equacionadas levando em consideração os determinantes internacionais da luta de classes e as conseqüências da revolução russa para a revolução operária mundial. Problemas comuns – a guerra imperialista - e soluções conjuntas – a guerra revolucionária contra o imperialismo – propiciavam a possibilidade histórica de uma fusão do proletariado mundial tendo como amálgama seus interesses estratégicos na construção do socialismo. O internacionalismo socialista deixava de ser um princípio vago, que se expressava na forma de proclamações genéricas, sem maiores efeitos práticos, para se converter em uma exigência vital da luta de classes, que se concretizava na forma de uma luta sem quartel contra o imperialismo dentro e fora das fronteiras nacionais.<sup>61</sup> A posição muito particular da Rússia como elo das lutas antiimperialistas no Oriente e no Ocidente aumentava a responsabilidade do movimento revolucionário russo como sujeito dos grandes embates que poderiam abrir novos horizontes para a Humanidade. “Desde el punto de vista marxista” – afirma Lênin – “sería absurdo examinar la situación de un solo país al hablar de imperialismo, ya que los diferentes países capitalistas están vinculados entre sí del modo más estrecho. Y hoy, en plena guerra, esta vinculación es inconmensurablemente mayor. Toda la humanidad se ha convertido en un amasijo sanguinolento y es imposible salir de él aisladamente. Si bien hay países más desarrollados y menos desarrollados, la guerra actual los ha atado a todos de tal manera que es imposible y disparatado que ningún país pueda salir él solo de la conflagración”.<sup>62</sup>

Não obstante a avaliação de que a guerra imperialista colocava o socialismo na ordem do dia, até a eclosão da revolução de fevereiro de 1917 Lênin não modificou o diagnóstico sobre o caráter burguês da revolução russa. Este aparente paradoxo, que na época confundiu a maioria

---

<sup>60</sup> Lênin, V.I., *El Programa Militar de la Revolución Proletaria*. Op. cit., v.1, pp. 800-801.

<sup>61</sup> O internacionalismo de Lênin parte do princípio de que o “inimigo principal” encontra-se dentro do próprio país e, portanto, que a luta contra o imperialismo ocorre, de fato, em duas frentes: na nacional e na internacional. “Las gentes candorosas olvidan con frecuencia la dura y cruel realidad de la guerra imperialista mundial. Y esta realidad no admite frases, se burla de todos los deseos inocentes y piadosos. Sólo hay un internacionalismo efectivo, que consiste en entregarse al desarrollo del movimiento revolucionario y de la lucha revolucionaria dentro del propio país, en apoyar (por medio de la propaganda, con la ayuda moral y material) esta lucha, esta línea de conducta, y sólo ésta en todos los países sin excepción”. Lênin, *Las Tareas del Proletariado en Nuestra Revolución*, op. cit., v.2., p. 65. Tal concepção não descarta a possibilidade de que haja a necessidade de transformar a guerra imperialista em guerra revolucionária: “El problema de las medidas que deben adoptarse para luchar contra la catástrofe que se avecina, nos lleva a tratar otro problema extraordinariamente importante: la ligazón de la política interior con la política exterior o, dicho en otros términos, la relación entre la guerra anexionista, imperialista, y la guerra revolucionaria, proletaria, entre la criminal guerra de rapiña y la guerra justa y democrática. Todas las medidas de lucha contra la catástrofe descritas por nosotros reforzarían extraordinariamente, como ya hemos señalado, la capacidad de defensa o, dicho de otro modo, la fuerza militar del país. Esto, de una parte. De otra parte, estas medidas no pueden llevarse a la práctica sin transformar la guerra anexionista en una guerra justa, sin transformar la guerra librada por los capitalistas y en interés de los capitalistas en una guerra librada por el proletariado en interés de todos los trabajadores y explotados”, “Las Catástrofe que nos amenaza y como combatirla”, idem, p. 285.

<sup>62</sup> Lênin, V.I., *VII Conferencia (de abril) de toda Rusia del POSDR (b)*, op. cit, v.2., pp. 97-98.



dos dirigentes bolcheviques, é perfeitamente coerente com a sua verdadeira obsessão em evitar desvios que levassem à definição de políticas derivadas de concepções abstratas, descoladas do movimento real da luta de classes.<sup>63</sup> Superando todo mecanicismo histórico, Lênin passou a ancorar sua interpretação do caráter da revolução e de suas tarefas históricas nos vários elementos que estavam atuando sobre a realidade: **os problemas concretos que mobilizavam a luta de classes**, determinados pelas contradições objetivas que tencionavam a sociedade; **as forças motrizes que se articulavam para resolvê-los**, determinadas pela subjetividade revolucionária das classes sociais; e **as dinâmicas políticas que a revolução desencadeava**, cujas potencialidades ficavam amplificadas pela possibilidade de saltos históricos que abriam soluções que pareceriam inatingíveis na ausência de uma visão que compreendesse a totalidade do fenômeno. Os descompassos entre os condicionantes econômicos e políticos da revolução foram, assim, resolvidos pela primazia da prática revolucionária. Em última instância, foi o problema histórico palpável, tal como ele se apresentava no terreno concreto da luta de classes, que definiu o caráter da luta de classes. “Em Lênin” – afirma Sánchez Vásquez – “encontramos constantemente a prioridade da prática; daí sua negativa a aferrar-se às ‘teorias de ontem’ e seu empenho em ajustar a teoria aos movimentos reais, sem duvidar em introduzir as retificações necessárias já que ‘o fenômeno é mais rico do que a lei’; a vida é mais rica do que os esquemas; e a prática mais rica do que qualquer teoria. Sobre a base desse reconhecimento da prioridade da prática, Lênin se esforça para manter na luta real, como dirigente político, a unidade da teoria e da prática”.<sup>64</sup>

A mudança na interpretação de Lênin sobre o caráter da revolução russa, que se explicita nas célebres *Cartas de Abril*, enfatiza os efeitos do aprofundamento da crise nacional sobre os condicionantes subjetivos da luta de classes e seus reflexos concretos sobre a disputa entre a burguesia e o proletariado pela direção do processo revolucionário. A virada no seu diagnóstico não foi determinada por mudanças na sua concepção teórica, mas pela evolução efetiva da luta de classes. Foi a realidade da luta de classes que se impôs sobre o pensamento, obrigando uma reformulação na avaliação de Lênin. A transformação dialética da revolução burguesa de fevereiro, que se polariza contra o regime czarista, na revolução operária de outubro, que se arma contra o imperialismo, surge, assim, como um fenômeno real,

---

<sup>63</sup> A Revolução de Fevereiro não seguiu o desdobramento originalmente previsto que condicionava o combate ao regime do Czar à presença dirigente do proletariado em aliança com os camponeses. Lênin explicou a originalidade da revolução russa em função das circunstâncias históricas internas e externas que determinaram o curso dos acontecimentos. “Si nuestra revolución ha triunfado con tanta rapidez y de una manera tan radical – en apariencia y a primera vista -, es únicamente porque, debido a una situación histórica original en extremo, se fundieron, con ‘unanimidad’ notable, *corrientes absolutamente diferentes*, intereses de clase *absolutamente heterogéneos*, aspiraciones políticas y sociales *absolutamente opuestas*. A saber: la conjuración de los imperialistas anglo-franceses, que empujaron a Miliukov, Guchkov y Cia. a adueñarse del Poder para *continuar la guerra imperialista*, para continuarla con más encarnizamiento y tenacidad, para *asesinar a nuevos millones* de obreros y de campesinos de Rusia a fin de dar Constantinopla ... a los Guchkov, Siria ... a los capitalistas franceses, Mesopotamia ... a los capitalistas ingleses, etc. Esto de una parte. Y de otra parte, un profundo movimiento proletario y de las masas del pueblo (todos los sectores pobres de la población de la ciudad y del campo), movimiento de carácter revolucionario, por el *pan, la paz y la verdadera libertad*”. Lênin, V.I., *Cartas desde Lejos* (março), op. cit., v.2., pp. 29-30.

<sup>64</sup> Adolfo Sánchez Vásquez, *Filosofia da Práxis*. São Paulo. Expressão Popular/CLACSO, 2007, p. 199.

determinado pela mudança na subjetividade revolucionária da classe operária (e não com uma elucubração teórica de Lênin).<sup>65</sup>

A análise de Lênin acompanha os movimentos concretos do processo revolucionário. O desencontro entre a total falta de disposição da burguesia para cumprir as tarefas da revolução de fevereiro - terminar a guerra, resolver o problema da fome e entregar terras aos camponeses - e o fervor revolucionário das massas que haviam se levantado contra o Czar evidenciava a exaustão da primeira fase da revolução. Os compromissos orgânicos com o antigo regime e a cumplicidade com as guerras imperialistas empurravam a burguesia para a reação, indicando a necessidade inadiável de o proletariado romper com a burguesia e buscar novos rumos para a revolução. Assim, a impotência da burguesia para impulsionar a revolução democrática despertava a revolução operária. A contraposição entre o Estado burguês, reunido em torno do Governo Provisório, e o embrião do Estado operário e camponês, aglutinado nos Conselhos Populares, transformava a necessidade de construir novas estruturas estatais num problema prático das massas. A possibilidade de uma solução operária para os impasses da revolução russa - alternativa inaceitável para a burguesia - colocava no horizonte a obrigação de se preparar para a guerra civil. Comentando a situação gerada pela crise de poder que dividia a Rússia, Lênin afirma: “No cabe la menor duda de que ese ‘entrelazamiento’ no está en condiciones de sostenerse mucho tiempo. En un Estado no pueden existir dos poderes. Uno de ellos tiene que reducirse a la nada, y toda la burguesía de Rusia labora ya con todas sus fuerzas, por doquier y por todos los medios, para eliminar, debilitar y reducir a nada los Soviets de diputados obreros y soldados, para crear el Poder único da la burguesía. La dualidad de poderes no expresa más que un momento transitorio en el curso de la revolución, el momento en que ésta ha rebasado ya los cauces de la revolución democrático-burguesa, pero no ha llegado todavía al tipo ‘puro’ de dictadura del proletariado y de los campesinos”.<sup>66</sup>

Lênin responde à situação gerada pela mudança na consciência de classe da burguesia e do operariado com a consigna - apresentada em abril - que conclama os operários a lutar pelo poder e realizar as tarefas democráticas abandonadas pela burguesia. A polarização da luta de classes entre revolução burguesa e revolução operária colocava o partido bolchevique, como operativo político da classe operária, perante o desafio de liderar a revolução russa, definindo a estratégia e a tática que deveriam levar à tomada do poder. Aos apelos chauvinistas da burguesia, Lênin contrapõe o internacionalismo socialista.

As circunstâncias que condicionavam a revolução russa condenavam-na a assumir formas muito originais. Por um lado, a radicalização da revolução democrática e seu caráter antiimperialista obrigavam o Estado democrático popular a combater todos os privilégios, empurrando a Rússia para o socialismo. Por outro, o primitivismo da sociedade soviética, o baixo grau de desenvolvimento das forças produtivas, a debilidade do proletariado e o elevado peso da pequena burguesia no campo bloqueavam a possibilidade de uma transição efetiva para o comunismo. É a avaliação de que a revolução operária não poderia ficar enquadrada nos marcos do regime burguês, sob o risco de ser engolida pela contra-revolução, e de que ela não poderia implantar o socialismo, por absoluta ausência de condições objetivas e subjetivas, que leva Lênin a pensar a revolução russa como uma situação intermediária entre o capitalismo e o

<sup>65</sup> Lênin, V.I., *Teses de Abril, op. cit., v.2.* Sobre este tema, ver também: *Cartas da Suíça, Cartas de Longe, Cartas sobre a Tática, Las Tareas del Proletariado en Nuestra Revolución.*

<sup>66</sup> Lênin, V.I., *Las Tareas del Proletariado en Nuestra Revolución, op. cit., v.2., p. 52.*

socialismo –, um processo histórico *sui generis* que desencadeia uma transição do capitalismo para o socialismo – um regime econômico e social inesperado, surgido de uma situação de fato, gerada pela luta de classes, que não caberia em nenhuma concepção abstrata de revolução socialista. “El defecto principal y el error principal de todos los razonamientos de los socialistas consiste en que el problema se plantea en términos demasiado generales – transición al socialismo –, cuando lo que corresponde es hablar de los pasos y medidas concretos. Unos han madurado ya, otros no. Vivimos un momento de transición. Es evidente que hemos promovido formas que no se parecen a las de los Estados burgueses: los Soviets de obreros y soldados son una forma de Estado que no existe ni ha existido nunca en ningún país. Son una forma que representa los primeros pasos hacia el socialismo y que es inevitable en los comienzos de la sociedad socialista. Este es un hecho decisivo. La revolución Rusa ha creado los Soviets. En ningún país burgués existen ni pueden existir instituciones estatales semejantes, y ninguna revolución socialista puede operar con otro Poder que no sea éste. Los Soviets de diputados obreros y soldados deben tomar el Poder, pero no para implantar una república burguesa corriente ni para pasar directamente al socialismo. Eso es imposible. ¿Para qué entonces? Deben tomar el Poder para dar los primeros pasos concretos, que pueden y deben darse, hacia esa transición. El miedo es en este sentido el enemigo principal. Debemos explicar a las masas que es menester dar esos pasos inmediatamente, pues de otro modo, el Poder de los Soviets de diputados obreros y soldados carecerá de sentido y no dará nada al pueblo”.<sup>67</sup>

Tangido pelas contingências de uma disputa política encarniçada que polarizava a luta política entre revolução e contra-revolução e convicto dos nexos indissolúveis entre a revolução russa e a revolução socialista internacional, Lênin queimou todas as pontes e lançou seu partido em direção ao socialismo. O destino da revolução passava a depender, basicamente, de duas condições: a capacidade do Estado revolucionário de preservar a aliança operário-camponesa e a vitória da revolução internacional (que criaria as condições objetivas para o avanço em direção ao socialismo). É a contraposição da guerra civil à guerra imperialista que o leva a concluir que a dinâmica da revolução operária extrapolaria os marcos nacionais, vinculando-se à revolução internacional. A necessária subordinação da parte ao todo submetia os compromissos da revolução russa às exigências da revolução mundial. “Al proletariado ruso le ha correspondido el gran honor de empezar, pero no se debe olvidar que su movimiento y su revolución son solamente una parte del movimiento proletario revolucionario mundial [...]. Sólo desde este ángulo visual podemos determinar nuestras tareas”, afirma Lênin.<sup>68</sup>

A interpretação do imperialismo como um regime de transição que colocava na ordem do dia a revolução socialista internacional obrigou Lênin a repensar o problema da “organização revolucionária”. Ao polarizar a luta de classes entre guerra imperialista e guerra civil – a versão armada da luta entre revolução e contra-revolução –, o novo momento histórico tornava imprescindível garantir a unidade da classe operária, comprometida pelo aparecimento da

---

<sup>67</sup> Lênin, V.I., *VII Conferencia (de Abril) de toda Rusia del POSDR(b)*, V.2. p. 100. Em *La Catástrofe que nos Amenaza y como Combatirla*, Lênin esclarece o que entende pelo elemento socialista do novo regime: “Pues el socialismo no es más que el paso siguiente después del monopolio capitalista de Estado. O dicho en otros términos, el socialismo no es más que el monopolio capitalista de Estado puesto al servicio de todo el pueblo y que, por ello, ha dejado de ser monopolio capitalista. No cabe término medio. El curso objetivo del desarrollo es tal que no hay posibilidad de dar un paso de avance, partiendo de los monopolios [...], sin caminar hacia el socialismo”. Op. cit., v.2, p. 283.

<sup>68</sup> Lênin, V.I., *VII Conferencia (de Abril) de toda Rusia del POSDR (b)*, op. cit., V.2, p. 87.

aristocracia operária e pela intoxicação das massas pelos desatinos do nacionalismo chauvinista. A tarefa emergencial relacionava-se com a necessidade de combater de maneira implacável a influência pequeno-burguesa no seio do operariado. Para tanto, era mister desmistificar a ideologia burguesa, que racionalizava a necessidade da guerra imperialista e da contra-revolução, jogando os trabalhadores do mundo uns contra os outros, no plano nacional e internacional. “Pero cuanto mayor es el celo con que los gobiernos y la burguesía de todos los países tratan de dividir a los obreros y de azuzarlos a unos contra otros, cuanto mayor es la ferocidad con que se aplica para este elevado fin el sistema del estado de guerra y de la censura militar (que incluso ahora, durante la guerra, persigue al enemigo “interior” mucho más que al exterior), más imperioso es el deber del proletariado consciente de salvaguardar su cohesión de clase, su internacionalismo, sus convicciones socialistas frente al desenfreno chovinista de la ‘patriótica’ camarilla burguesa de todos los países. Renunciar a esta tarea equivaldría, por parte de los obreros conscientes, a renunciar a todas sus aspiraciones emancipadoras y democráticas, sin hablar ya de las aspiraciones socialistas”.<sup>69</sup>

Os nexos inextrincáveis entre imperialismo, aristocracia operária, chauvinismo e oportunismo deixavam patente que o tempo da II Internacional havia passado e que era imprescindível erradicar a sua influência nefasta sobre o operariado. O resgate do espírito revolucionário e dos princípios internacionalistas do movimento socialista exigia novos instrumentos organizativos, impondo como tarefa inadiável a construção da III Internacional, destinada a congregar as organizações revolucionárias efetivamente comprometidas com a luta contra o capitalismo e pela construção de uma sociedade comunista. Os resultados da teoria do imperialismo fundamentam a decisão de Lênin de romper com o oportunismo e de lançar-se na construção das estruturas organizativas exigidas pelos desafios históricos de uma época marcada pela contraposição violenta entre revolução e contra-revolução em escala internacional. Nas suas palavras: “[...] en todos los países avanzados, la guerra pone al orden del día la consigna de la revolución socialista, que se hace tanto más urgente cuanto más pesen sobre los hombros del proletariado las cargas de la guerra, cuanto más activo haya de ser su papel en la reconstrucción de Europa después de los horrores de la barbarie ‘patriótica’ contemporánea, dados los gigantescos progresos técnicos del gran capitalismo. La utilización por la burguesía de las leyes de tiempos de guerra para amordazar por completo al proletariado plantea ante éste la tarea indiscutible de crear formas ilegales de agitación y de organización. Pueden los oportunistas ‘conservar’ las organizaciones legales a costa de la traición a sus convicciones; los socialdemócratas revolucionarios utilizarán los hábitos de organización y los vínculos de la clase obrera para crear formas ilegales de lucha por el socialismo, correspondientes a la época de crisis, y unir estrechamente a los obreros, no con la burguesía chovinista de su país, sino con los obreros de todos los países. La Internacional proletaria no ha perecido ni perecerá. Las masas obreras crearán la nueva Internacional por encima de todos los obstáculos. [...] Cuanto mayor sea el número de víctimas causadas por la guerra, más clara aparecerá ante las masas obreras la traición a la causa obrera cometida por los oportunistas y la necesidad de volver las armas contra los gobiernos y la burguesía de cada país”.<sup>70</sup>

<sup>69</sup> Lênin, V.I., *O Imperialismo. Op. cit.*, vol. 1, pp. 674-675.

<sup>70</sup> Lênin, V.I., *La Guerra y la Socialdemocracia de Rusia. Op. cit.*, Vol. 1, pp. 678-679. “Al proletariado ruso le ha sido dado mucho; en parte alguna del mundo ha habido una clase obrera que haya conseguido desplegar una energía revolucionaria comparable a la que despliega la clase obrera de Rusia. Pero a quien mucho se le ha dado, mucho se le exige. No puede tolerarse por más tiempo la charca zimmerwaldiana. [...] Hay que romper inmediatamente con esa Internacional [...]. Estamos obligados,

## Revolução socialista e os desafios da transição

A convicção de que a revolução russa era iminente e de que seu desdobramento assumiria necessariamente um caráter anticapitalista levou Lênin a sistematizar suas concepções sobre os problemas práticos da conquista do poder e da transição para o socialismo.<sup>71</sup> Alinhavada no calor da hora, às vésperas da revolução de outubro, esta reflexão encontra-se condensada, ainda que de maneira inconclusa, em *O Estado e a Revolução*.<sup>72</sup> Tendo como ponto de partida o pensamento de Marx e Engels sobre as experiências históricas das revoluções burguesas e operárias, Lênin identifica os elos fundamentais do processo revolucionário, suas implicações para a dinâmica da luta de classes e seus desafios políticos e organizativos para a classe operária. O nó do problema reside no fato de que a conquista do poder político pela classe operária antecede a construção das bases objetivas do modo de produção comunista, o que significa que, mesmo após o fim da guerra civil, durante um longo período o poder operário teria de conviver com uma oposição burguesa que sobrevive nos interstícios da sociedade socialista e conspira permanentemente, de maneira manifesta ou latente, contra o avanço da revolução. Como consequência, a polarização da luta de classes entre revolução e contra-revolução projeta-se para a era socialista, apenas invertendo a posição das classes sociais em confronto no aparelho de Estado. “A substituição do Estado burguês pelo Estado proletário” – afirma Lênin – “não é possível sem uma revolução violenta. A abolição do Estado operário, isto é, a abolição de todo e qualquer Estado, só é possível pelo definimento”.<sup>73</sup>

Temendo tergiversações que pudessem comprometer a eficácia da ação revolucionária, bem como voluntarismos utópicos que desviassem a revolução de seu curso necessário, Lênin investe contra as ilusões democráticas dos reformistas e contra as ilusões anti-Estado dos anarquistas. Seu objetivo explícito é estabelecer as diretrizes fundamentais que deveriam orientar os passos dos bolcheviques no combate de vida ou morte que se avizinhava e que colocava a classe operária e o partido diante de tarefas difíceis: a conquista do Estado burguês pela insurreição armada dos operários e camponeses, a consolidação do poder revolucionário na guerra civil provocada pela reação burguesa e, finalmente, a construção dos

---

nosotros precisamente, y ahora mismo, sin pérdida de tiempo, a fundar una nueva Internacional revolucionaria, proletaria mejor dicho, debemos reconocer sin temor, abiertamente, que esa Internacional ya ha sido fundada y actúa”. In: Lênin, *Las Tareas del Proletariado en Nuestra Revolución*, in *Obras Escogidas*, op. cit., v.2., p. 71.

<sup>71</sup> No prefácio de *O Estado e a Revolução* Lênin explicita as razões que o levaram a estudar a questão do Estado: “Esta última [a revolução democrática de fevereiro] no momento presente [princípio de agosto de 1917] entra visivelmente no fim de sua primeira fase, mas toda esta revolução só pode ser encarada como um anel na cadeia de revoluções proletárias socialistas provocadas pela guerra imperialista. A questão das relações entre a revolução socialista do proletariado e o Estado adquire, por conseguinte, não só uma significação política prática, mas também um caráter de palpitante atualidade, pois fará as massas compreenderem o que devem fazer para se libertarem do jugo capitalista em futuro próximo”. Op. cit., p.3. [In: *Obras Escogidas*, v.2, p. 304].

<sup>72</sup> A propósito de *O Estado e a Revolução* ver: Fernandes, F., “Introdução”, in: Lênin, V.I., *O Estado e a Revolução*. São Paulo, Hucitec, 1979; Netto, J.P., “Lênin e a instrumentalidade do Estado”, in: Netto, J.P., *Marxismo Impenitente: Contribuição à História das Idéias Marxistas*. São Paulo, Cortez, 2004. [Observação: Ivana, atención!, ver se é o caso de também colocar a introdução do Fernando Heredia]

<sup>73</sup> Lênin, V.I., *O Estado e a Revolução*. Op. cit., p. 27. [In: *Obras Escogidas*, v.2. p. 319].

fundamentos materiais, sociais, políticos e culturais do modo de produção comunista. Em última instância, o núcleo da reflexão girava em torno do papel da “violência revolucionária” como parteira da História. A questão associava-se às tarefas destrutivas e construtivas da revolução. Nas palavras de Lênin, “[...] una verdadera revolución, una revolución ‘popular’, según expresión de Marx, es un proceso increíblemente complicado y doloroso de agonía de un orden social caduco y de alumbramiento de un orden social nuevo, de un nuevo régimen de vida de millones de hombres”.<sup>74</sup>

A reflexão de Lênin parte da avaliação de que os condicionantes históricos da revolução socialista determinam a necessidade incontornável de instauração de uma “ditadura do proletariado”, cuja missão é destruir o Estado burguês e criar as bases objetivas e subjetivas do modo de produção comunista. De acordo com esta visão, antes de se chegar a uma sociedade sem classes, sem Estado e sem distinção entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, é necessária uma mediação histórica – uma longa transição sob o comando de um poder revolucionário que se organiza na forma de um Estado da classe operária. Lênin é peremptório. O posicionamento em relação à ditadura do proletariado delimita dois campos políticos antagônicos: os que lutam pela revolução socialista e os que, consciente ou inconscientemente, alinham-se com a contra-revolução. “Só é marxista” - afirma – “aquele que estende o reconhecimento da luta de classes ao reconhecimento da ditadura do proletariado. A diferença profunda entre o marxista e o pequeno (ou grande) burguês ordinário esta aí. É sobre essa pedra de toque que é preciso experimentar a compreensão efetiva do marxismo e a adesão ao marxismo. Não é de espantar que, quando a história da Europa levou a classe operária a abordar praticamente essa questão, todos os oportunistas e reformistas, e todos os “kautskystas” também (hesitantes entre o reformismo e o marxismo), se tenham revelado pobres filisteus de democratas pequeno-burgueses, negadores da ditadura do proletariado”.<sup>75</sup>

A fim de impulsionar a transição do capitalismo para o socialismo, a ditadura do proletariado deve cumprir três tarefas fundamentais: destruir o Estado burguês; construir o Estado operário; e dar início à transição econômica para o comunismo. A insistência de Lênin sobre a urgência de uma política de liquidação do Estado burguês decorre de sua convicção de que as estruturas e o modo de funcionamento deste aparelho estão irremediavelmente comprometidos com a reprodução do regime burguês. “A revolução não deve resultar em que a classe nova comande e governe por meio de *velha* máquina de Estado, mas em que, depois de ter destruído essa máquina, comande e governe por meio de uma *nova* máquina: eis a idéia fundamental do marxismo [...]”.<sup>76</sup> A necessidade de substituir o Estado burguês por um Estado proletário associa-se à sua visão de que o poder da burguesia persiste durante um longo período após a vitória da revolução socialista, tanto na base da sociedade como no inconsciente de expressiva parcela da população. Por essa razão, o Estado operário não pode baixar a guarda em relação à necessidade de uma permanente vigilância para reprimir as iniciativas contra-revolucionárias. “O proletariado” – diz Lênin – “precisa do poder político, da organização centralizada da força, da organização da violência, para reprimir a resistência dos exploradores e dirigir a massa enorme da população – os camponeses, a pequena

<sup>74</sup> Lênin, V.I., *¿Se Sostendrán los Bolcheviques en el Poder?* In: *Obras Escogidas*, Tomo 2, p. 451.

<sup>75</sup> Lênin, V.I., O Estado e a Revolução. *Op. cit.*, p. 43. [In: *Obras Escogidas*, v.2, p. 329].

<sup>76</sup> Lênin, V.I. O Estado e a Revolução. *Ibid*, p. 145. [In: *Obras Escogidas*, v.2, p. 396].

burguesia, os semiproletários – na ‘edificação’ da economia socialista”.<sup>77</sup> Por fim, cabe à ditadura do proletariado eliminar a propriedade privada e a exploração do trabalho, colocando as forças produtivas sob controle do Estado e estimulando o seu desenvolvimento, processo cuja duração está condicionada pelo tempo necessário para superar a importância estratégica do elemento pequeno-burguês no funcionamento da economia. Citando Marx, Lênin sintetizou o processo de “expropriação dos expropriadores”, que elimina a propriedade privada, nos seguintes termos: “o proletariado aproveitará a sua supremacia política para arrancar, pouco a pouco, todo o capital à burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, isto é, do proletariado organizado como classe dominante, e para aumentar o mais rapidamente possível a quantidade das forças produtivas”.<sup>78</sup>

Atento à busca de soluções para os problemas práticos da revolução, sem o que a teoria não se transforma em realidade, Lênin explicita a importância crucial dos conselhos auto-organizados de operários, camponeses e soldados – os *soviets* – como instrumento de subversão da ordem burguesa e de construção da nova ordem. Os *soviets* devem funcionar como órgão de poder dos trabalhadores, independente do Estado burguês, com o papel de preparar, organizar e operacionalizar a insurreição armada por meio da constituição de um poder paralelo, verdadeiro contrapoder, que questiona e, em seguida, nega a autoridade instituída. Conquistado o poder de Estado, cabe aos conselhos populares funcionar como embrião do aparelho de Estado, iniciando o processo de reaproximação do poder público com as massas mediante a substituição da democracia parlamentar burguesa, que funciona como uma ditadura da burguesia, pela democracia operária, que opera como uma ditadura contra a burguesia. A figura do conselho de operários em armas como a forma necessária do Estado revolucionário é vista como uma exigência prática do processo de destruição do Estado burguês e dos imperativos da transição socialista, cujo papel fundamental é corroborado pelas experiências históricas das revoluções operárias. A urgência em desarticular as teias econômicas e burocráticas que atam a burguesia ao poder público requer que a população assuma diretamente os negócios do Estado. Para tanto, Lênin preconiza que a democracia burguesa baseada no parlamentarismo seja substituída pela democracia popular, fundada em conselhos de trabalhadores em armas. A fim de impedir que o Estado continue sendo um veículo de enriquecimento, dominação e prestígio social, o princípio burguês da representação política e da burocracia estatal de carreira deve dar lugar à eliminação da separação entre os poderes legislativo e executivo, à instauração do princípio da elegibilidade e da revogabilidade dos funcionários públicos, assim como à fixação de salários compatíveis com a remuneração dos operários. “O meio de sair do parlamentarismo” – afirma Lênin – “não é, certamente, anular as instituições representativas e a elegibilidade, mas sim transformar esses moinhos de palavras que são as assembleias representativas em assembleias capazes de ‘trabalhar’ verdadeiramente. A Comuna devia ser uma assembleia ‘não parlamentar, mas trabalhadora’, ao mesmo tempo legislativa e executiva”.<sup>79</sup>

---

<sup>77</sup> Lênin, V.I. O Estado e a Revolução. *Ibid*, p. 33. [In: *Obras Escogidas*, v.2, p.322]. O problema tornava-se ainda mais grave no caso russo, elo fraco do sistema capitalista mundial, sobretudo enquanto a revolução não fosse integrada em um processo mais amplo de transição para o socialismo liderado pelos países avançados da Europa.

<sup>78</sup> Lênin, V.I. O Estado e a Revolução. *Ibid*, p. 30. [In: *Obras Escogidas*, v.2, p. 320].

<sup>79</sup> Lênin, V.I. O Estado e a Revolução. *Ibid*. p. 57. [In: *Obras Escogidas*, v.2, p. 339].

Na concepção de Lênin, a ditadura do proletariado é o poder revolucionário dos trabalhadores em armas, cuja força emana, de baixo para cima, da ampla e vigorosa mobilização das massas e, de cima para baixo, da ação decidida e implacável do Estado contra qualquer tipo de iniciativa contra-revolucionária. Nesse sentido, a ditadura do proletariado é democrática para os pobres e ditatorial para a burguesia. Nesta questão, a posição de Lênin apenas reproduz a tese de Marx, segundo a qual a democracia, entendida formalmente como o princípio de submissão da minoria à vontade da maioria, pressupõe a dominação de classe e, portanto, é estruturalmente incompatível com o reino da liberdade. Dentro dos parâmetros da sociedade de classes, as opções ficam restritas a duas possibilidades: a democracia que corresponde à ditadura da burguesia ou a democracia que corresponde à ditadura do proletariado. Portanto, ainda que a ditadura do proletariado represente uma significativa ampliação da democracia, Lênin reconhece que ela está longe de significar o reino da liberdade. “Nosso objetivo final” – afirma Lênin – “é a supressão do Estado, isto é, de toda a violência organizada e sistemática, de toda coação sobre os homens em geral. Não desejamos o advento de uma ordem social em que caducasse o princípio da submissão da minoria à maioria. Mas, em nossa aspiração ao socialismo, temos a convicção de que ele tomará a forma do comunismo e que, em consequência, desaparecerá toda necessidade de recorrer à violência contra os homens, à submissão de um homem a outro, de uma parte da população à outra. Os homens, com efeito, habituar-se-ão a observar as condições elementares da vida social, sem constrangimento nem subordinação”.<sup>80</sup>

---

---

<sup>80</sup> Lênin, V.I. O Estado e a Revolução. *Ibid.* p. 101. [In: *Obras Escogidas*, v.2, p. 369]. Sobre a visão de Lênin da democracia, Gruppi esclarece: “Lênin realiza aqui, mais uma vez, uma inversão da noção tradicional de democracia. A democracia ganha substância em função das classes sociais que a exigem e a põem em funcionamento, da finalidade que se propõe, do modo pelo qual enfrenta concretamente a sua tarefa: o de realizar a soberania do povo, eliminando os obstáculos (a propriedade privada dos meios de produção) que eludem a efetividade da soberania popular. A democracia não pode se limitar a uma série de atos (eleições) e instituições (parlamento, assembléia constituinte), que têm a aparência de querer expressar a vontade de todos, mas que na realidade impedem – numa situação como a russa – que a vontade da maioria tenha o peso decisivo. Lênin contrapõe ao conceito abstrato de democracia, como puro conjunto de formas jurídicas, o conceito de democracia como movimento real de classe”. Gruppi, L. *O pensamento de Lênin* (op. cit. p. 200).



## Lênin e as surpresas da História

A discrepância entre as premissas que haviam fundamentado a revolução de outubro e a dura realidade de uma conjuntura marcada pelo refluxo do movimento revolucionário europeu colocava em questão a própria sobrevivência da revolução russa. A impossibilidade de contar com o socorro da revolução internacional – condição indispensável para a revolução socialista que eclode no elo fraco do imperialismo – e a devastação da guerra civil criavam dificuldades inauditas para a revolução. A ausência de bases objetivas mínimas para o avanço do socialismo deixava o processo revolucionário indeterminado. Seguindo o exemplo histórico da Comuna de Paris, restava à ditadura do proletariado resistir e fazer tudo que estivesse ao seu alcance para evitar o contra-ataque burguês, à espera de tempos melhores. Consciente da importância histórica do feito do proletariado russo para a revolução proletária internacional, Lênin concentrou todas as suas energias na defesa da revolução. “Cette première victoire n’est pas encore une victoire définitive [...]. C’est nous qui avons commencé cette œuvre. Quand, dans quel délai, les prolétaires de quelle nation la feront aboutir, il n’importe. Ce qui importe, c’est que la glace est rompue, la voie est ouverte, la route tracée”.<sup>81</sup>

A situação inusitada da revolução russa – nem capitalismo nem socialismo – criava um estado de indeterminação que exigiria grande flexibilidade teórica. Premido pela necessidade de encontrar parâmetros racionais para navegar no meio da tempestade, Lênin manteve-se fiel à essência de seu método de “análise concreta de uma situação concreta”, insistindo na necessidade de buscar as soluções para os dilemas da revolução nas tendências inscritas no movimento histórico.<sup>82</sup> “Temos aqui” – afirma Gruppi – “um dos momentos da vida real em que se põem novas tarefas à teoria, diante das quais as teorizações até então elaboradas se revelam insuficientes. É impossível novas definições teóricas sem antes empenhar-se no movimento real, sem apelar para a experiência posta pela práxis. Nesses momentos, que são de provisória carência teórica, o que opera da teoria revolucionária geral é essencialmente o método: o método capaz de investigar o movimento real em seus conteúdos de classe, em seu alcance político, a fim de que – dessa análise – se extraia a possibilidade de um mais avançado e adequado desenvolvimento da generalização teórica”.<sup>83</sup>

A constatação de que a sociedade russa havia abandonado a via capitalista mas não havia ingressado no caminho do socialismo propriamente dito configurava um impasse histórico que não seria resolvido enquanto não se dessem as condições objetivas e subjetivas para o efetivo início da transição socialista, isto é, enquanto não viesse o socorro da revolução internacional e não se superasse o papel decisivo da pequena burguesia para o funcionamento da economia russa, condições que não tinham como ser atingidas no curto prazo. Com a esperança de

---

<sup>81</sup> Lênin, V.I. Obras Completas, tomo 33, p.49 apud Linhart, R. *Lénine, les Paysans, Taylor*. Paris, Éditions du Seuil, 1976, p. 192.

<sup>82</sup> Lukács caracterizou o movimento teórico de Lênin como uma radicalização e aprimoramento de seu método: “Quando vista no seu aspecto de conjunto e nos seus fundamentos, a ‘Realpolitik’ de Lenine mostra-se o apogeu da dialética materialista até ao presente. É, por um lado, uma análise da situação dada, da estrutura econômica e das suas relações de classes, que, estritamente marxista na sua simplicidade e na sua sobriedade, penetra muito profundamente na realidade concreta. É, por outro lado, uma consciência de todos os aspectos novos desta situação; consciência clara e sem a deformação de qualquer prevenção teórica e de qualquer desejo utópico”, in Gruppi, L. *O pensamento de Lênin. Op. cit.*, pp. 100-101.

<sup>83</sup> Gruppi, L. *Ibid.* pp. 154-155.

retomar a ofensiva mais à frente, Lênin preconiza a necessidade de uma trégua para recompor as forças da revolução e aguardar a retomada do movimento socialista internacional. “Una situación internacional extraordinariamente dura, difícil y peligrosa; necesidad de maniobrar y de replegarse; un período de espera de nuevas explosiones revolucionarias, que maduran penosamente en los países occidentales; dentro del país, un período constructivo lento y de implacable ‘agujoneamiento’, de lucha prolongada y tenaz, de una severa disciplina proletaria contra los elementos amenazadores de la relajación pequeñoburguesa y de la anarquía: tales son, en pocas palabras, los rasgos distintivos de la etapa peculiar de la revolución socialista que estamos atravesando. Tal es el eslabón de la cadena histórica de los acontecimientos al que tenemos que aferrarnos ahora con todas nuestras fuerzas para quedar a la altura de nuestras tareas hasta el momento de pasar al eslabón siguiente, eslabón que nos atrae por su particular brillantez, por la brillantez de las victorias de la revolución proletaria internacional”.<sup>84</sup>

O impasse da revolução russa colocava Lênin diante da necessidade de complementar a teoria da transição do capitalismo para o comunismo com uma reflexão sobre a transição do capitalismo para o socialismo. Premido pela urgência de evitar a completa desorganização da vida econômica e o colapso do poder público, Lênin, em seu livro *La Enfermedad Infantil del Izquierdismo en el Comunismo* – seu último trabalho de fôlego –, bem como em seus inúmeros discursos e intervenções como autoridade suprema do Estado soviético e líder absoluto do partido bolchevique, estabelece as diretrizes que deveriam orientar os movimentos táticos da revolução para atravessar a encalacrada de uma situação inesperada – nem capitalismo nem socialismo.<sup>85</sup>

Ciente dos riscos que ameaçavam a revolução, Lênin destacou a necessidade de ater-se aos estreitos limites do possível, combatendo com virulência os desvios utópicos de seus camaradas mais afoitos – uma forma de escapismo incompatível com a delicada situação da revolução – e os desvios dos que buscavam soluções voluntaristas destituídas de base social de sustentação.<sup>86</sup> Assim, adaptando-se às exigências concretas da luta de classes, Lênin anuncia a necessidade ineludível de um interlúdio entre o capitalismo e o socialismo, período no qual a ditadura do proletariado seria exercida nos marcos de um “capitalismo de Estado”. Nas suas

---

<sup>84</sup> Lenin, V.I. *Las Tareas Inmediatas del Poder Soviético*. In *Obras Escogidas*, v.2., p. 736.

<sup>85</sup> Entre os pronunciamentos mais importantes de Lênin no período do poder soviético, destacam-se: *Las Tareas Inmediatas del Poder Soviético*. (op. cit., v.2, pp. 699-737); *Sobre la Economía Actual de Rusia* (op. cit., v.3, pp. 604-613); “Acerca de la significación del oro ahora y después de la victoria completa del socialismo” (op. cit., v.3, pp.668-675 ); “Acerca del Papel y de las Tareas de los Sindicatos en las Condiciones de la Nueva Política Económica” (op. cit., v.3, pp. 676-686 ); y “Mas Vale Poco y Bueno” (op. cit., v.3, pp. 802-815).

<sup>86</sup> Comentando a originalidade da reação de Lênin ao impasse histórico gerado pelo fracasso da revolução internacional, Luciano Gruppi destaca sua extraordinária capacidade de enfrentar a realidade de maneira construtiva, mesmo quando ela se apresentava de maneira particularmente adversa. “O motivo da sua grandeza, em nossa opinião, é o fato de não ter eludido essa contradição, mas de se ter ‘dobrado’ a ela, compreendendo que as contradições do real não se superam especulativamente e mediante ações veleitárias, mas sim graças a um longo e laborioso processo da práxis. Se essa hipótese é justa, então seu mérito é o de não se ter ‘adaptado’ à contradição, mas de ter concentrado sua própria luta – sob a forma e dentro dos limites que lhe eram então impostos pela situação concreta – contra o momento negativo da contradição, a fim de preparar as condições, nem vizinhas nem previsíveis com exatidão, de uma solução positiva. De uma solução que, para ele, orientava-se firmemente no sentido do desenvolvimento da democracia socialista”. Gruppi, L. *O pensamento de Lênin*. Op. cit., p. 249.

palavras, “[...] el capitalismo de Estado sería un paso adelante en comparación con la situación existente hoy [1918] en nuestra República Soviética”.<sup>87</sup>

Tendo como referência fundamental o princípio de que os desafios do socialismo estão sobredeterminados pelo estado das estruturas econômicas e pelas condições concretas da luta de classes, Lênin estabeleceu os parâmetros fundamentais que deveriam balizar as iniciativas do poder revolucionário enquanto durasse a situação gerada pelo isolamento da revolução russa. De um lado, a revolução precisava elevar o excedente econômico e canalizá-lo prioritariamente para o esforço de industrialização sem comprometer o funcionamento da agricultura. Este era o grande desafio do processo de acumulação primitiva da Rússia socialista. De outro lado, a revolução tinha de preservar a todo custo a aliança operário-camponesa – a efetiva base social de sustentação do Estado soviético. Em suma, o poder operário estava obrigado a resolver uma complicadíssima equação: diminuir o monumental atraso no grau de desenvolvimento das forças produtivas e no nível de desenvolvimento cultural da Rússia – sem o que seria simplesmente impossível restabelecer as relações de troca entre o campo e a cidade - e criar as bases materiais mínimas para o entendimento entre os operários e os camponeses.

Na prática, a estratégia de transição para o socialismo elaborada por Lênin traduzia-se na necessidade de atuar em várias frentes simultaneamente. No plano econômico, a recomposição dos mecanismos de funcionamento da economia exigia um recuo nas medidas de socialização exigidas pelas contingências do comunismo de guerra do período da guerra civil. Sem abrir mão dos mecanismos de planejamento central, Lênin defende a importância de uma abertura para a iniciativa privada, colocando na ordem do dia a questão de um recuo tático que permitisse melhores condições para a circulação mercantil e para a operação do grande capital, nacional e internacional. A maior flexibilidade em relação ao capital deveria ser acompanhada de um esforço para vencer a condição de “incultura semi-asiática” do povo russo, pré-requisito indispensável para que a população pudesse superar seus hábitos individualistas e adequar-se à realidade de uma sociedade baseada na cooperação e na solidariedade. No que diz respeito às relações externas, Lênin advoga uma política ambígua que combina a formação de uma 3ª. Internacional, cuja missão seria a de organizar os partidos revolucionários do mundo para a realização da revolução socialista internacional, com a política de coexistência pacífica entre os povos – uma declaração unilateral de fim das hostilidades contra as potências imperialistas. Na dimensão política, a necessidade de submeter a burguesia emergente aos desígnios do Estado soviético requer tanto iniciativas preventivas de controle do circuito político, para impedir que a força econômica da burguesia possa se converter em força de contestação da ordem operária, como ações para coibir desmandos da burocracia, não apenas para evitar inércias e desperdícios mas também para impedir, pela instauração de mecanismos de controle popular, a cristalização de interesses privados nos aparelhos de Estado.

O impasse gerado pelo isolamento da revolução russa reforçava a importância decisiva do partido bolchevique na condução dos assuntos do Estado, alçando sua organização à condição

---

<sup>87</sup> Lenin, V.I. *Sobre la Economía Actual de Rusia* (Fragmento del Folleto de 1918). In: *Obras Escogidas*, v.3, p. 604. Em seguida, Lênin esclarece: “Creo que no ha habido una sola persona que, al ocuparse de la economía de Rusia, haya negado el carácter transitorio de esa economía. Ningún comunista ha negado tampoco, a mi parecer, que la expresión ‘República Socialista Soviética’ significa la decisión del Poder soviético de llevar a cabo la transición al socialismo; mas en modo alguno el reconocimiento de que el nuevo régimen económico es socialista”. Op. cit., p. 604.

de uma espécie de tutor dos *Soviets*. O risco de desvio burguês requeria também um aumento do contingente proletário nos quadros do partido e um maior rigor na cobrança de obediência às diretrizes da direção. O purgatório da transição para a transição cobrava um pesado tributo de todos. Foi a fé inquebrantável na vontade da classe operária de lutar pelo socialismo e no poder da organização revolucionária que ele havia inspirado que fez Lênin não esmorecer. O socialismo exigia sacrifício, disciplina e uma gana infinita de lutar por uma sociedade melhor. “Para hacer frente a eso, para conseguir que el proletariado desempeñe acertada, eficaz y victoriosamente su función organizadora (que es su función principal), son necesarias una centralización y una disciplina severísima en el partido político del proletariado. La dictadura del proletariado es una lucha tenaz, cruenta e incruenta, violenta y pacífica, militar y económica, pedagógica y administrativa contra las fuerzas y las tradiciones de la vieja sociedad. La fuerza de la costumbre de millones y decenas de millones de personas es la fuerza más terrible. Sin un partido férreo y templado in la lucha, sin un partido que goce de la confianza de todo lo que haya de honrado en la clase dada, sin un partido que sepa pulsar el estado de ánimo de las masas e influir en él es imposible sostener con éxito esta lucha. Es mil veces más fácil vencer a la gran burguesía centralizada que ‘vencer’ a millones y millones de pequeños patronos, los cuales llevan con su cotidiana y prosaica labor corruptora, invisible e inaprehensible a los mismos resultados que necesita la burguesía y que restauran a ésta. Quien debilita, por poco que sea, la disciplina férrea del partido del proletariado (sobre todo en la época de su dictadura), ayuda de hecho a la burguesía contra el proletariado”.<sup>88</sup>

## 5. Observações Finais

Contrário a diletantismos e soluções abstratas, Lênin ancora a sua teoria da revolução em uma investigação meticulosa da realidade, que tem por finalidade definir as condições objetivas e subjetivas que determinam as tendências da luta de classes e seus desafios para o proletariado. Seu método estabelece as contradições que impulsionam o processo histórico, as forças sociais que se mobilizam para enfrentá-las, a alternativa histórica que representa a superação das contradições e as tarefas organizativas e políticas que daí decorrem. A ”análise concreta de uma situação concreta” consubstancia-se em uma complexa interpretação dialética que, em busca da totalidade, articula uma multiplicidade de elementos que condicionam a luta de classes. Seu movimento analítico desdobra-se, considerando as conexões existentes entre: 1) a natureza do padrão de desenvolvimento capitalista; 2) a especificidade de cada formação social e a particularidade dos nexos econômicos e políticos que a vinculam ao sistema capitalista mundial; 3) o conteúdo e a forma da luta de classes como fatores decisivos na definição do caráter da revolução; 4) os fluxos e os refluxos que caracterizam o movimento real da luta de classes como determinantes básicos das condições efetivas da luta de classes em cada conjuntura particular. É a partir desta totalidade concreta que Lênin define: 1) os desafios da luta revolucionária; 2) a estratégia e a tática para enfrentá-los; e, como consequência, 3) o tipo de organização revolucionária capaz de atuar sobre os elos decisivos que permitem, no seu encadeamento sucessivo, fundir o partido com a classe operária e a reforma com a revolução, orientando a luta da classe operária para a conquista do poder.

---

<sup>88</sup> Lenin, V.I. *La Enfermedad Infantil del “Izquierdismo”*. Obras Escogidas, v.3, p. 371.

No conjunto da obra de Lênin, a teoria do imperialismo representa uma espécie de pedra angular que lhe permite estabelecer as mediações necessárias para que a perspectiva universalista da classe operária seja organicamente incorporada ao método de "análise concreta de uma situação concreta". A visão do capitalismo monopolista – a base material do imperialismo – como um sistema econômico mundial composto de formações sociais heterogêneas articuladas por nexos econômicos e políticos, cujas particularidades estão condicionadas pela lei do desenvolvimento desigual, abre caminho para que a especificidade de cada formação econômica e social seja vista como um todo integrado à totalidade maior que a sobredetermina. Assim, a dinâmica da luta de classes deixa de atrelar-se mecanicamente ao grau de desenvolvimento das forças produtivas para ganhar uma dimensão que extrapola a restrita perspectiva economicista que dominava o marxismo do início do século XX.

A interpretação do imperialismo como fase superior do capitalismo, um regime de transição que prepara as condições objetivas e subjetivas para a revolução socialista, leva Lênin a superar todos os vestígios de um arcabouço teórico que até então ainda estava ancorado fundamentalmente no horizonte nacional. Sem negar a necessidade incontornável de considerar a especificidade de cada formação econômica e social, Lênin passa a conceber a revolução, a organização proletária e os problemas da transição para o socialismo como parte de um contexto histórico mais amplo que contrapõe a burguesia ao proletariado em escala internacional. As tendências da luta de classes e as tarefas do proletariado em cada momento histórico ficam determinadas pela relação existente entre a situação objetiva do capitalismo mundial, as condições do movimento operário internacional e a particularidade da luta de classes em cada sociedade nacional. A ausência de uma correspondência mecânica entre a base econômica e a superestrutura jurídica e ideológica aparata sua metodologia para contemplar a possibilidade de saltos históricos que pareceriam impossíveis à luz de uma análise evolucionista e fracionada da realidade. A nova perspectiva abre brechas para rupturas com o imperialismo pelo elo fraco do sistema.

Contrário à utilização de fórmulas dogmáticas em substituição à análise da realidade, o pensamento de Lênin é sensível às mudanças na configuração da luta de classes. É sua capacidade de questionar as verdades estabelecidas e superar seus próprios limites que lhe permitiu compreender o movimento concreto da revolução russa: em um primeiro momento, como uma **revolução burguesa *sui generis***, cuja possibilidade de conciliar capitalismo e democracia dependia da liderança da classe operária em aliança com os segmentos camponeses mais pobres; após o rápido esgotamento do ímpeto revolucionário da revolução de fevereiro de 1917, como uma **revolução operária** - uma ruptura com o imperialismo pelo elo fraco do sistema -, cujo desdobramento natural em direção ao socialismo a inseria no contexto mais geral da revolução internacional; e, finalmente, quando a derrota da revolução socialista na Europa deixa patente o total isolamento do poder soviético, a revolução russa é caracterizada como uma revolução socialista ímpar, que, por absoluta ausência de condições objetivas, ficava no meio do caminho entre o capitalismo e o socialismo, numa situação indeterminada, **nem capitalismo nem socialismo**, que exigia dos operários russos a tarefa verdadeiramente hercúlea de resistir aos ataques da contra-revolução e avançar - como fosse possível - no processo de socialização, à espera de que a retomada da revolução internacional abrisse novas perspectivas.

Avesso a formulações genéricas destituídas de conseqüências práticas, para concluir que a Europa estava na iminência de uma crise revolucionária que colocava o socialismo na ordem

do dia, Lênin não se contentou com a caracterização do imperialismo como regime de transição do capitalismo para o socialismo. O nexos estabelecido entre imperialismo, barbárie e revolução baseava-se na avaliação concreta de que as rivalidades interimperialistas tendiam inexoravelmente a se converter em guerra imperialista. Tal avaliação - plenamente confirmada pelas duas guerras mundiais - decorria de uma análise da conjuntura econômica mundial do início do século XX. Ao abrir espaço para o desenvolvimento recuperador das economias nacionais de segunda ordem, como os Estados Unidos, a Alemanha e o Japão, sistemas econômicos que funcionavam com base num regime central de acumulação, a lei do desenvolvimento desigual desencadeava disputas econômicas e políticas que só poderiam ser resolvidas pela guerra imperialista. O elo entre barbárie e revolução baseava-se na impossibilidade de assimetrias insuperáveis e de equilíbrios duradouros entre as potências capitalistas. O conflito bélico entre os gigantes do capitalismo funcionava como um elemento catalisador dos antagonismos de classe, provocando uma “aceleração da história”. Sem a guerra imperialista, a eventualidade de uma revolução socialista na Rússia seria remota. A importância decisiva da guerra na definição do caráter da conjuntura e de seus possíveis desdobramentos foi explicitada por Lênin: “Se não houvesse a guerra, a Rússia talvez pudesse viver durante anos e inclusive décadas, sem uma revolução contra o capitalismo. Com a guerra, esta perspectiva é objetivamente impossível: ou sucumbiremos ou faremos a revolução contra os capitalistas”.<sup>89</sup>

A reorganização do sistema capitalista mundial no pós guerra e seu desdobramento posterior modificaram profundamente a configuração do imperialismo.<sup>90</sup> Não é este o lugar de esboçar uma síntese das novas características do imperialismo, esforço que exigiria um estudo à parte. Entretanto, cabe ressaltar que a incontestada supremacia econômica, política e militar dos Estados Unidos no mundo capitalista inaugurou uma era de “paz” entre as grandes potências mundiais que desarticulou os nexos entre imperialismo, barbárie e revolução dos tempos de Lênin. A ausência de guerras imperialistas não significa, por certo, o fim dos problemas do capitalismo. Embora o conteúdo e a forma do imperialismo tenham mudado, a necessidade e a

---

<sup>89</sup> Lênin, V.I. Obras Completas, v.24, pp.371-372 (maio de 1917). Apud Johnstone, M. “Lênin e a Revolução”, in: Hobsbawm, E. (organizador), *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, v.5, p. 119.

<sup>90</sup> Para um rápido balanço da evolução da teoria do imperialismo, ver Kemp, T. *Theories of Imperialism*. London. Dobson Books, 1967; Barone, C.A. *Marxist Thought on Imperialism – Survey and Critique*. London, MacMillan Press, 1985; Santi, P. et al. *Teoria Marxista del Imperialismo*. Cordoba. Ediciones Pasado y Presente, 1971. Uma rica análise do imperialismo do pós guerra encontra-se em Magdoff, H. *A era do Imperialismo*. São Paulo. Editora Hucitec, 1978. Diferentes visões sobre as mudanças no imperialismo também podem ser vistas em: Hobsbawm, E. (Organizador). *História do Marxismo: O Marxismo Hoje v. 11 e 12*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989. Quem estiver interessado em estudar as tendências mais recentes do imperialismo pode começar com Magdoff, H. *Imperialism without Colonies*, New York. Monthly Review Press, 2003. Consultar também, Panitch, L.; Leys, C. (Editores). *El Nuevo Desafío Imperial*. Buenos Aires. Clacso, 2004; Panitch, L.; Colin L. *El Imperio Recargado*, Buenos Aires. Clacso, 2005; Foster, J.B; McChesney, R.W (Editores). *Pox Americana: Exposing the American Empire*. New York. Monthly Review Press, 2004; Foster, B.F. *Naked Imperialism*. New York: Monthly Review, 2006; Gataud, G. *Mondialisation Capitaliste et Projet Communiste*. Paris. *Le Temps des Cerises*, 1997; Mészáros, I. *Para Além do Capital*. Campinas. Editora da Unicamp. 2002; Mészáros, I. *O Poder da Ideologia*. São Paulo. Boitempo, 2004; Mészáros, I. *O Desafio e o Fardo do Tempo Histórico*, São Paulo, Boitempo, 2007. Para uma crítica das novas visões apologéticas do imperialismo, ver Boron, A. *Império & Imperialismo*. Buenos Aires. Clacso, 2004.

possibilidade do socialismo como única resposta positiva ao avanço da barbárie capitalista – teses centrais da teoria do imperialismo de Lênin - permanecem mais atuais do que nunca, pois abundam as evidências de que a valorização desenfreada do capital ameaça o futuro da humanidade.

A fase superior do imperialismo leva as contradições, os antagonismos, a irracionalidade e o caráter predatório do regime capitalista ao extremo. A expansão das forças produtivas contrasta com a permanência de imensos contingentes populacionais condenados à pobreza, marginalizados dos benefícios mais elementares da vida moderna. O aprofundamento exponencial do movimento de concentração e centralização do capital reforça o poderio econômico e político do capital financeiro e leva as taras do capitalismo monopolista ao paroxismo. O vigor de uma internacionalização do capital sem limites, que difunde o capitalismo pelos quatro cantos do mundo, atropelando tudo o que passa pela frente e cristalizando uma intrincada rede de relações mercantis, produtivas, financeiras e culturais, acirra a distância entre os interesses imperialistas que se aglutinam em torno do capital financeiro e as aspirações dos povos que fazem parte da periferia da economia mundial de comandar o seu destino. Por fim, o nível de progresso alcançado pela sociedade capitalista, inimaginável há poucas décadas, veio acompanhado de uma crise de civilização sem precedente, descolando de maneira radical a produção de mercadorias das necessidades sociais, o domínio da natureza das condições mínimas de reprodução do meio ambiente.

Como ensina Lênin, a constatação de que o capitalismo precisa ser superado não basta. A luta de classes requer “análises concretas” que tenham uma utilidade prática para orientar a práxis revolucionária, sem o que as denúncias e as boas intenções caem no vazio. O abismo entre a premente necessidade de superar o mundo do capital, a presença de condições objetivas para a implantação do socialismo e a gritante impotência do movimento socialista para oferecer alternativas concretas exige um cuidadoso estudo que redefina o conteúdo e a forma dos nexos concretos entre imperialismo, barbárie e revolução. Sem o reencontro da teoria revolucionária com o movimento revolucionário, a barbárie capitalista seguirá em frente até que os limites absolutos do capital coloquem em risco a sobrevivência do planeta. Lênin, evidentemente, não pode dar uma resposta aos problemas do século XXI, mas, sem dúvida, é um poderoso antídoto contra as ideologias pós-modernistas que pregam o fim da história.

---

#### BIBLIOGRAFIA:

Arismendi, R. *Lenin, la revolución y América latina*, Montevideo: Pueblos Unidos, 1970.

Barone, C.A. *Marxist Thought on Imperialism – Survey and Critique*, London: Macmillan Press, 1985.

Boron, A. *Imperio & Imperialismo: Una Lectura Crítica de Michael Hardt y Antonio Negri*. Buenos Aires: Clacso, 2004.

Bukharin, I.N. *A economia mundial e o imperialismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

- Cerroni, U.; Magri, L.; Johnstone, M. *Teoría Marxista del Partido Político*. Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente, 1971. 2.<sup>a</sup> ed.
- Foster, J.B; McChesney, R.W. *Pox Americana: Exposing the American Empire*. New York: Monthly Review Press, 2004.
- Foster, J.B. *Naked Imperialism*. New York: Monthly Review Press, 2006.
- Gruppi, L. *O Conceito de Hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.
- Gruppi, L. *O pensamento de Lênin*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- Hilferding, R. *El Capital Financiero*. Madrid: Editorial Tecnos, 1963.
- Hobsbawn, E.J. (org.), *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. v. 4, 5, 6, 11 e 12
- Hobson, J.A. *Writings on Imperialism and Internationalism*. London: Routledge/Thoemmes Press, 1992.
- Kemp, T. *Theories of Imperialism*. London: Dobson Books, 1967.
- Lefebvre, H. *Pour Connaître la Pensée de Lénine*. Paris: Bordas, 1957.
- Lenin, V.I. *¿Qué Hacer?* Buenos Aires: Ediciones Luxemburg, 2004.
- Lenin, V.I. *Cartas desde Lejos*. Moscou: Editorial Progreso.
- Lênin, V.I. *La Democracia Socialista Sovietica*. Moscou: Ediciones en Lenguas Extranjeras.
- Lênin, V.I. *O Estado e a revolução*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- Lenin, V.I. *Obras Escogidas en 3 tomos*. Moscou: Editorial Progreso, 1961.
- Lenin, V.I. *Obras Completas en 45 tomos*. Moscou.
- Lênin, V.I. *Política*. Organizador [da coletânea] Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1978.
- Lênin, V.I. *Problema Agrário II*. Belo Horizonte: Aldeia Global Livraria e editora Ltda., 1979.
- Lênin, V.I. *Que Fazer?* Apresentação de Florestan Fernandes. São Paulo: Hucitec, 1978.
- Lênin, V.I. *Sobre a Grande Revolução de Outubro*. Moscou: Edições da Agência de Imprensa Nóvosti, 1987.
- Lenin, V.I. *El Desarrollo del Capitalismo en Rusia*. Moscou: Editora Progreso, 1979.
- Lênin, V.I. et al. *Teórico Marxista*. Coleção de Estudos Marxistas, Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.



- Liebman, M. *Le Léninisme sous Lénine*. Paris: Éditions du Seuil, 1973. v.1 e 2.
- Linhart, R. *Lénine, les Paysans, Taylor*. Paris: Éditions du Seuil, 1976.
- Lukács, L. *O pensamento de Lênin*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1975.
- Luxemburg, R. *A Acumulação do Capital*, vol I e II. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- Magdoff, H. *A Era do Imperialismo*. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.
- Magdoff, H. *Imperialism without Colonies*. New York: Monthly Review Press, 2003.
- Marx, K.; Engels, F. *História*. Organizador [da coletânea] Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1983.
- Marx, K.; Engels, F. *Sagrada Família*. Centauro Ed., 2001.
- Mészáros, I. *Socialismo o Barbarie*. Buenos Aires: Ediciones Herramienta, 2003.
- Mészáros, I. *Para Além do Capital*. Campinas: Editora da Unicamp. 2002.
- Mészáros, I. *O Poder da Ideologia*. São Paulo: Boitempo. 2004.
- Mészáros, I. *O Desafio e o Fardo do Tempo Histórico*. São Paulo: Boitempo. 2007.
- Netto, J.P. *Marxismo impertinente: contribuição à história das idéias marxistas*. São Paulo: Cortez, 2004.
- Panitch, L.; Leys, C. (Editores). *El Imperio Recargado*. Buenos Aires: Clacso, 2005.
- Panitch, L.; Leys, C. (Editores). *El Nuevo Desafío Imperial*. Buenos Aires: Clacso, 2004.
- Piotte, Jean-Marc. Sur Lénine. Ottawa: Collection Aspects, 15. 1972. [<http://biblioteque.uqac.quebec.ca/index.htm>].
- Santi, P. et al. *Teoria Marxista del Imperialismo*. Córdoba: Ediciones Pasado y Presente, 1971. 2.<sup>a</sup> ed.
- Vázquez, A.S. *Filosofia da Práxis*. São Paulo: Expressão Popular/Clacso, 2007.